

FRANCISCO RODRIGUES IBIAPINO

TÁ VENDENDO AQUELE EDIFÍCIO MOÇO? AJUDEI A LEVANTAR!
Memórias da edificação da Catedral Nossa Senhora dos Remédios

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí.

Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento.

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

I12t

Ibiapino, Francisco Rodrigues.

Tá vendo aquele edifício moço? Ajudei a levantar!:
memórias da edificação da Catedral Nossa Senhora dos
Remédios / Francisco Rodrigues Ibiapino. – 2012.

CD-ROM : il. ; 4 ¾ pol. (79 p.)

Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade
Federal do Piauí. Picos-PI, 2012.

Orientador(A): Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa
Nascimento.

1. História – Piauí. 2. Catedral Nossa Senhora dos
Remédios. 3. Memória - Igreja. I. Título.

CDD 981.812 2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos (treze) 13 dias do mês de novembro de 2012, na sala 789 (Laboratório de Ensino de História), do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Francisco Rodrigues Ibiapino** sob o título "**Ta vendo aquele edifício moço? Ajudei a levantar! Memórias da edificação da catedral de Nossa Senhora dos Remédios**"

A banca constituída pelos professores:

- Francisco Assis de Sousa Nascimento - UFPI/história - Orientador
- Marylu Alves de Oliveira – UFPI/História –Examinadora Interna
- Marcos Vinicius Holanda - Examinador Externo
- Johny Santana de Araújo- Suplente

Deliberou pela APROVADO do candidato, tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 10,0.

Picos (PI) 13 de novembro de 2012

Orientador (a): Francisco de Assis de Sousa Nascimento
Examinador (a) interno (a): Marylu Alves de Oliveira
Examinador (a) Externo (a): Marcos Vinicius Holanda Sousa

A Deus por permitir a realização deste trabalho.

Ao meu primo Enevaldo (*in memorian*) que foi exemplo de honestidade, bondade e humildade, e será sempre uma referência para mim.

A professora Ana Paula Cantelli Castro que muito me auxiliou nos primeiros passos deste trabalho.

Ao meu colega Luan Abreu (*in memorian*), que partiu para outra vida em 2010, deixando muitas saudades.

A minha família e a todos os meus colegas de sala que caminharam juntos comigo na conquista desta vitória.

AGRADECIMENTOS

Depois de quatro anos e meio de uma batalha diária para adquirir o conhecimento necessário para se tornar professor de História chegamos ao final desta etapa, as vezes nos cansamos e pensamos em desistir, porém sempre carrego comigo a frase que diz “Desistir é para os fracos”. Nesta lida do dia a dia contei com a ajuda e incentivo de muitas pessoas e este é o momento de agradecer-las.

Primeiramente à Deus, por sempre nos proporcionar o dom mais belo e valioso que existe, a vida.

Aos meus pais Lurdinha e Bertinho, que foram essenciais na conquista deste sonho, ao sempre me dar força e incentivar nessa jornada de quase 5 anos. A minha tia Marlene que me acolheu em sua casa durante todo o período do curso. E toda minha família.

Ao Professor Francisco Nascimento, meu orientador, que teve muita paciência comigo e deu importantes contribuições para a minha formação profissional, assim como os demais professores do curso de História da UFPI - Campus de Picos.

Não poderia esquecer dos meus colegas de turma, em especial aqueles mais próximos: Arnon e Tonny – que estiveram comigo em um dos momentos difíceis da minha vida - a Débora, Alane, Priscila, Cláudia - pela amizade, e também aos outros que dividiram comigo um pouco de suas vidas: Brenno, Thales, Misael, Fernando, Francinaldo, Pablio, Francélio, Francisco Monteiro, Sousa Júnior, Ariane, Ângela, Aylla, Letícia, Darlan, Wilson, Gisele, Zilmara, Carla, Cláudio, Michele, Vanessa, Lívia, Carmina, Ana Layse, Silvânia, Mirlande e Marli pelo companheirismo. Nunca esquecerei as brincadeiras e risadas que demos juntos.

Aos entrevistados, pela disponibilidade e pelas valiosas informações cedidas, que foram de fundamental importância para a concretização deste trabalho.

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho.

Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem. Porque por ela os antigos alcançaram testemunho. Pela fé entendemos que os mundos pela palavra de Deus foram criados; de modo que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente.

(HEBREUS 11: 1-3)

RESUMO

O presente trabalho apresenta a história da construção da Catedral Nossa Senhora dos Remédios, localizada na cidade de Picos - PI, no recorte temporal de 1948 a 1968, a partir das memórias de pessoas que participaram diretamente da edificação deste templo religioso ou que possuem informações repassadas sobre o assunto por parentes. No desenvolvimento desta pesquisa optou-se pela utilização do método/ técnica da história oral, já que existem poucos documentos e fontes escritas que abordam o assunto de maneira aprofundada. O referencial teórico utilizado tem como base os conceitos de Le Goff (1994) e Halbwachs (2006) sobre a coletividade da memória, assim procurou-se identificar se existe uma consonância entre as diversas memórias apresentadas para a escrita da história sobre a construção do templo. A partir de então, buscou-se saber também qual a relação do povo picoense com a igreja e qual o impacto de sua construção para a cidade de Picos, além das maneiras como foi construída e a organização do trabalho de edificação desta.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja. Construção. Memórias. Picos.

ABSTRACT

This paper presents the history of the Cathedral of Our Lady of Remedies, located in the city of Picos - PI, from the memories of people who participated directly in the building of this temple or religious who have passed on information about the subject by relatives. In developing this research we chose to use the method / technique of oral history, as there are few written sources and documents that discuss the subject in depth. The theoretical framework is based on the concepts of Le Goff and Halbwachs on collective memory, so we tried to identify if there is a line between the various memories presented to the writing of history about the construction of the temple. Since then, also sought to know what the relationship of the people picoense with the church and the impact of its construction to the city of Picos, and the ways it has been built and work organization of this building.

KEY WORDS: Church. Construction. Memories. Picos.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Vista parcial da cidade de Picos na década de 1950.....	18
FIGURA 2 - Vazantes presentes no Rio Guaribas na década de 1950.....	21
FIGURA 3 – Vista aérea da Catedral de Picos.....	23
FIGURA 4 - Antiga Igreja Matriz de Picos, construída no ano de 1871.....	33
FIGURA 5 - Frei Ibiapina, incentivador da construção da Antiga Igreja Matriz.....	34
FIGURA 6 – Início da construção da nova igreja.....	37
FIGURA 7 - Imagem da nova Igreja sem as torres.....	45
FIGURA 8 - A Igreja Matriz com sua primeira torre em fase de conclusão.....	46
FIGURA 9 - Igreja Matriz, já com as duas torres construídas.....	47
FIGURA 10 - Depois de concluída a nova Igreja ganha os vitrais.....	48
FIGURA 11 - A implantação da iluminação do cruzeiro da nova igreja.....	51
FIGURA 12 - Imagens esculpidas nas portas da catedral.....	53
FIGURA 13 - Piso das laterais da Igreja.....	54
FIGURA 14 - Mosaico da nave central da Igreja.....	55
FIGURA 15 - Fiéis visitam diariamente a Igreja para orar.....	58
FIGURA 16 - As pessoas visitam a catedral para pedir proteção.....	59
FIGURA 17 – Vitrais da Igreja com o nome dos doadores.....	62
FIGURA 18 - Vitral com cena da vida de Jesus Cristo.....	63
FIGURA 19 – Vista geral da Catedral na atualidade.....	64
FIGURA 20 – Foto da frente da Catedral	64
FIGURA 21 – Foto da infância do Padre Madeira.....	65
FIGURA 22 – Fotografia do Padre Madeira.....	66
FIGURA 23 - José Ignácio e Maria do Socorro, esposa do segundo casamento.....	70
FIGURA 24 - A família do segundo casamento do Padre Madeira.....	71
FIGURA 25 - Folheto produzido em homenagem ao Padre Madeira.....	74
FIGURA 26 - Lápide que colocada acima da sepultura do Padre Madeira	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I: PICOS NAS DÉCADAS DE 1940, 1950 E 1960.....	18
1.1 O rio Guaribas.....	20
1.2 Espaço urbano.....	23
1.3 Espaços de lazer.....	25
1.4 Economia picoense.....	29
CAPÍTULO II: SIM, É POSSÍVEL?! CONSTRUÇÃO DA CATEDRAL NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS.....	31
2.1 A antiga igreja.....	32
2.2 O início da construção da nova matriz: entre anseios e dúvidas, a confiança no Padre Madeira.....	34
2.3 A união faz a força: as diversas formas de contribuição para edificar a nova igreja.....	37
2.3.1 Bailados.....	38
2.3.2 Peregrinações, Leilões e quermesses.....	40
2.3.3 Mãos a obra: o transporte dos materiais para a edificação do templo.....	42
2.4 A história de Jesus ilumina a Igreja: a aquisição dos vitrais e sua simbologia.....	49
2.5 Sacrário.....	50
2.6 Altares laterais.....	50
2.7 Instalações elétricas.....	51
2.8 Portas.....	52
2.9 Piso.....	54
2.10 Sinos e o relógio.....	55
2.11 Curiosidades: crença ou realidade?.....	56
2.12 Espaço de oração e ponto de encontro.....	58
2.13 Um lugar de memória.....	60
CAPÍTULO III: JOSÉ IGNÁCIO DE JESUS MADEIRA: A HISTÓRIA DO MADEIRA PADRE E HOMEM.....	65
3.1 Infância, adolescência e ordenação sacerdotal.....	65
3.2 A chegada a Picos e a conquista da confiança dos picoenses.....	66
3.3 Entre resistências e anseios: a idéia de construir uma nova Igreja.....	67
3.4 O Madeira pai.....	68
3.5 Uma vez padre, para sempre padre!.....	72
3.6 O reconhecimento do povo picoense.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS.....	77

INTRODUÇÃO

Apesar das críticas dirigidas à Igreja Católica, em especial após a Reforma Protestante, o catolicismo constitui ao longo dos anos, um elemento de unificação entre os povos, mesmo com as mudanças que ocorrem no percurso histórico.

O catolicismo conseguiu enraizar-se na maioria dos países da América. O Brasil é um exemplo, já que o mesmo possui o maior número de pessoas que se declaram católicas. Segundo dados do IBGE – Censo 2010¹, O Estado do Piauí é a unidade da federação que tem o maior percentual de adeptos desta religião, fato que pode ser explicado pelas difíceis condições de vida da população, assolada pelos problemas da seca e descaso dos governantes, e desta forma buscaram, por meio de práticas religiosas, a solução para os seus problemas. E é por meio destas práticas que as pessoas acreditam alcançar as graças e pedidos almejados.

Ivan Aparecido Manoel (2008) explica que religiosidade é a maneira como as pessoas procuram significado(s) para os fenômenos vivenciados que não conseguem explicar pela razão humana, atribuindo-lhes um caráter de divino, e também uma forma de expressar sua crença.

A religiosidade, na sua condição de característica exclusivamente humana, revela um atributo humano de busca do sagrado, sem especificar o que seja esse sagrado, tanto como fuga, quanto como explicação para o real vivido, ou ainda mesmo para negociações e entendimentos com a ou as divindades na procura de resoluções de problemas cotidianos [...] (MANOEL, 2008, p. 19).

Rubem Alves (1990) compartilha desta mesma idéia, segundo o autor o ser humano procura sentido para o que não consegue explicar. E é neste momento que nasce a religião, através da atribuição ao divino aquilo que não entende:

E é aqui que surge a religião, teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretenciosa tentativa de transubstanciar a natureza. Não é composta de itens extraordinários. Há coisas a serem consideradas: altares, santuários, comidas, perfumes, lugares, capelas, templos, amuletos,

¹Dados população Católica Piauí: 2.653.135 pessoas residentes no Piauí declararam ao IBGE que sua religião é a católica apostólica romana. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=pi&tema=censodemog2010_relig>.Último acesso em 28/10/2012.

colares, livros... e também gestos, como os silêncios, os olhares, rezas, encantações, renúncias, canções, poemas, romarias, procissões, peregrinações, exorcismos, milagres, celebrações, festas, adorações (ALVES, 1990, p. 22).

Para o autor, esta busca pela explicação da realidade partindo da necessidade de atribuir sentido a tudo em seu redor, talvez seja o elo entre as mais diversas religiões existentes no planeta, até mesmo entre as que possuem ensinamentos mais divergentes ideologicamente.

A partir do exposto por Alves (1990), pode-se inferir que a religião ultrapassa o campo do explicável; além disso, ela é também espelho para conseguir alcançar desejos espirituais, graças e milagres, a partir da tentativa de demonstrar fé através de rituais e promessas feitas a Deus e santos, afim de que sejam atendidos os pedidos. Desta maneira, os templos religiosos passam a ser considerados locais sagrados, a morada de Deus, e assim constituem-se em espaços para a prática coletiva da religiosidade.

Uma pedra não é imaginária. Visível, concreta. Como tal, nada tem de religioso. Mas no momento em que alguém lhe dá o nome de altar, ela passa a ser circundada de uma aura misteriosa, e os olhos da fé podem vislumbrar conexões invisíveis que a ligam ao mundo da graça divina. E ali se fazem orações e se oferecem sacrifícios (ALVES, 1990, p.26).

Com base na afirmação de Alves (1990), entende-se que pessoas criam as representações a partir das vivências e necessidades, passando a cultuar o intangível, o “sagrado”. Neste contexto a fé surge como principal instrumento que sustenta e supre esta crença. A fé assume um papel de expressão da confiança e certeza que será recompensada por acreditar no ser(es) supremo(s) espirituais.

Uma destas demonstrações de fé acontece na cidade de Picos, localizada na região do semi-árido piauiense. Segundo relatos orais de diversos habitantes da cidade, principalmente os de idade mais avançada, a Catedral de Nossa Senhora dos Remédios, situada no centro do município, foi construída por meio de uma enorme mobilização popular, que contou com a adesão de pessoas dos mais variados segmentos sociais. Impulsionado pela curiosidade e existência de poucas e restritas fontes em relação ao episódio, decidiu-se realizar uma pesquisa para detalhar o período de edificação do templo que durou aproximadamente 20 anos e hoje é considerado ponto turístico do município e do Estado do Piauí.

O presente trabalho objetiva apresentar as memórias coletivas de pessoas que participaram do período de construção da Catedral de Nossa Senhora dos Remédios, destacando também o contexto histórico do período da edificação do templo; as formas de mobilização e contribuição das pessoas; a atuação do padre Madeira e o significado do templo religioso para estas pessoas, além de analisar o templo como um lugar de memória (NORA, 1993).

Acredita-se que conhecer as memórias constituídas pelas pessoas que de alguma forma participaram dessa construção, é importante para que seja possível escrever a história deste episódio na cidade de Picos. Partindo dessas premissas é interessante entender o porquê das pessoas terem participado voluntariamente da construção da Igreja Matriz? Qual o significado do templo religioso para estas pessoas? Existem memórias divergentes sobre a construção? Que relações foram se estabelecendo durante o processo de construção?

A Catedral Nossa Senhora dos Remédios é um dos símbolos do catolicismo picoense. No ano de 2007, foi eleita uma das maravilhas do estado do Piauí através de votação popular por internet e telefone, em concurso realizado pelo Sistema Meio Norte de Comunicação². Em nova votação realizada pelo mesmo meio de comunicação em 2011, mais uma vez a igreja foi eleita.

O templo começou a ser construído no ano de 1948 sendo finalizado no ano de 1968, possui 40 metros de altura, comporta em sua estrutura o estilo neo-gótico e, atualmente, é o principal ponto turístico do município de Picos.

Existem memórias compartilhadas a respeito da participação popular na construção do templo religioso. Através de conversas informais com pessoas que participaram do processo de edificação do templo religioso, percebe-se que elas afirmam que houve adesão maciça do povo picoense.

O estudo também é proposto em virtude da existência de poucos trabalhos referentes à temática, e os que a abordam fazem isso de maneira superficial como revista, jornais, sites, entre outros. Sendo assim, propõe-se uma análise das memórias coletivas em relação à construção da Catedral Nossa Senhora dos Remédios.

² Empresa de comunicação com sede na cidade de Teresina-Piauí, que integra os seguintes de veículos: TV, rádio, jornal impresso, site e revista. O resultado da votação foi divulgado no dia do Piauí, 19 de outubro de 2007, pela TV Meio Norte.

A pesquisa desde o início mostrou-se viável, já que as pessoas, cujas memórias serviram como fontes históricas, não apresentaram dificuldades de acesso às informações e se mostraram disponíveis a contribuir com o desenvolvimento do trabalho, uma vez que consideram importante o valor deste para a cidade de Picos, já que é um estudo sobre a igreja, ponto turístico do município e fruto de um trabalho voluntário que identifica o povo picoense.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi realizado um levantamento bibliográfico; pesquisa em livros, jornais, revistas, arquivo do museu, documentos, fotos, documentários, internet, vídeos, algumas fontes que abordassem de alguma forma o assunto. Em seguida foram listadas as pessoas que possivelmente poderiam ser entrevistadas e desta maneira fornecer informações importantes para o presente trabalho, posteriormente realizadas as entrevistas.

Devido ao restrito material bibliográfico a respeito do tema, optou-se pelo procedimento metodológico da História Oral, definido por Camargo *apud* Freitas (2006) como mecanismo que se apropria de entrevistas e demais procedimentos articulados em conjunto, objetivando registrar narrativas das experiências humanas, assim o autor enfatiza que “o mínimo que podemos dizer é que a História Oral é uma fonte, um documento, uma entrevista gravada que podemos usar da mesma maneira que usamos uma notícia do jornal, ou uma referência em um arquivo, em uma carta”. (Camargo *apud* Freitas, 2006, p.18)

A história oral é um mecanismo, um meio, que permite uma escrita historiográfica a partir de várias perspectivas, contemplando assim os mais diversos campos de pesquisa. Nesse sentido é válido elencar a implicação de Delgado (2006) a respeito dessa metodologia de pesquisa:

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estipuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre esta história vivida. (DELGADO, 2006, p. 15)

Devido à escassa bibliografia a respeito da temática, o presente estudo baseia-se na oralidade para a escrita historiográfica, partindo das memórias, apesar da mesma possuir distorções a medida do decorrer dos anos, e exige um esforço de rememoração que nem sempre pode apresentar os resultados esperados.

Em *A Voz do Passado – história oral*, Thompson (1992) defende o uso do procedimento da história oral aliada aos demais métodos tradicionais utilizados como fontes para a escrita historiográfica, segundo o referido autor esta interdisciplinaridade pode proporcionar resultados impressionantes.

O historiador britânico afirma que a história oral permite uma gama de abordagens sobre temas que não estão registrados em documentos e sem a oralidade não haveria possibilidade de estudá-los aprofundadamente. Partindo do pensamento de Thompson (1992) a análise de assuntos como relações familiares, comportamentos, divisão dos papéis do homem e da mulher, sexualidade, dentre outros, possuem uma importante contribuição da história oral.

Tendo como referência o exposto por Thompson (1992), procurou-se construir um trabalho baseado na oralidade por ser o método mais adequado ao desenvolvimento da pesquisa sobre a construção da Catedral de Nossa Senhora dos Remédios, já que a documentação existente é restrita. Porém os registros materiais foram utilizados como suporte na constituição deste estudo, objetivando enriquecer a pesquisa.

Na construção deste trabalho foram utilizados os aportes teóricos de Jacques Le Goff (1994) e Maurice Halbwachs (2006), que apresentam definições de memória coletiva. Le Goff (1994) acredita que a memória é um produto resultante do coletivo, ou seja, os indivíduos recordam o que um determinado grupo, a qual pertence, querem que ele lembre: “Os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, são os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui” (LE GOFF, 1994, p.03).

Le Goff (1994) compartilha a ideia de Halbwachs (2006) de que toda memória é coletiva e também afirma que as memórias são constituídas e definidas pela coletividade. Para Halbwachs *apud* Peralta (2007) os grupos sociais são os responsáveis pela determinação do que é memorável, sendo assim, apesar do indivíduo ser o sujeito que lembra, ou seja, “escolhem” o que e como será lembrado, como um membro de um grupo social. “É na sociedade que as pessoas adquirem normalmente as suas memórias. É também na sociedade que recordam, reconhecem e localizam as suas memórias.” (HALBWACHS *apud* PERALTA, 2007, p.6)

Halbwachs (2006), com seu estudo, pretende convencer que a memória é coletiva e constituída por um grupo, mesmo apontando que o indivíduo é o responsável por lembrar e recordar, porém ele o faz a partir do que o grupo a qual pertence deseja que ele lembre e esqueça o que não é de interesse deste coletivo.

Para Le Goff (1994) a memória é o poder que os indivíduos possuem de guardar em suas mentes lembranças de determinados momentos que são selecionados e processados por cada um. “A memória como capacidade de conservar certas informações, recorre, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode actualizar impressões ou informações passadas, que ele representa como passadas.” (LE GOFF, 1994, p.9)

Analisando a definição de memória de Le Goff (1994), pode-se inferir que o processo memorialístico envolve diversas áreas como a psicologia, aspectos biológicos, dentre outros, implicando também a amnesia como uma complicação da mesma. “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens”. (LE GOFF, 1994, p.477).

Considerando que existem várias memórias a respeito deste acontecimento é interessante apresentá-las, esperando que contribuam para reflexões sobre a existência de um compartilhamento de ideias a respeito da edificação deste templo religioso.

Por meio da oralidade o que se pretende aqui é apresentar a história da construção da Catedral Nossa Senhora dos Remédios localizada no centro da cidade de Picos, narrada/contada por pessoas que participaram ativamente da edificação do templo. A pesquisa teve como norte a afirmação por parte de diversas pessoas de que a Igreja fora construída em mutirão pelos habitantes do município, através de uma enorme mobilização popular que uniu indivíduos provenientes das mais variadas camadas da sociedade picoense. Procurou-se com este estudo expor as memórias de alguns destas pessoas, para que seja possível, escrever parte da história da cidade de Picos, uma vez que a edificação da Catedral representa um verdadeiro marco, pois fora construída em uma época em que Picos não possuía nenhum prédio daquela dimensão e altura.

Este trabalho encontra-se dividido em três capítulos. O primeiro deles relata o contexto histórico da cidade de Picos nas décadas de 1940, 1950 e 1960, período em que o templo foi edificado (1948-1968). No segundo é apresentado como ocorreu à construção da Catedral a partir das memórias dos entrevistados, destacando as maneiras de contribuição para a edificação do templo religioso, neste capítulo também é feita uma análise da interferência e penetração do catolicismo no cotidiano dos picoenses e ainda o impacto arquitetônico da Igreja para a cidade de Picos no período, assim como destacar a igreja como um lugar de memória. O capítulo três é um relato biográfico do padre Madeira, coordenador e idealizador da construção da Igreja, com enfoque para sua atuação no convencimento e mobilização da população picoense. Fica aqui o convite para adentrar este estudo e conhecer parte da nossa História, guardada na mente das pessoas e que agora está exposta neste trabalho.

CAPÍTULO I

PICOS NAS DÉCADAS DE 1940, 1950 E 1960

A cidade de Picos nas décadas de 1940, 1950 e 1960 do século XX, não se diferenciava da maioria das cidades do interior nordestino. O modo de vida das pessoas que moram na área urbana no período se confundia com o *modus vivendi* rural.

Renato Duarte (1995) no seu livro *Picos: Os verdes anos cinquenta*, destaca que a população picoense na época, com base em estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE era 54.713 habitantes, destes 50.145 moravam na zona rural e 4.568 residiam na área urbana. Partindo destes dados percebe-se que o meio de vida ligado ao campo predominava e o que existia em Picos na época era um pequeno aglomerado urbano.

Reforça esta tese o fato de que Picos nas décadas de 1940, 1950 e 1960 possuir poucas ruas com calçamento de paralelepípedo, apenas as que compunham o centro, conforme Duarte (1995). As da Praça Félix Pacheco, Praça do Mercado (atual Justino Luz) e Rua Grande (atual Getúlio Vargas), esta última tinha apenas um trecho calçado, espaços que na época já eram utilizados para o comércio e o lazer da cidade.



Figura 1 - Vista parcial da cidade de Picos na década de 1950. Fonte: Museu Ozildo Albano.

Um fato curioso apontado por Duarte (1995) é que no período enfocado a cidade já possuía uma rede de saneamento básico³ e que contemplava praticamente os mesmos locais que são atendidos pelo serviço atualmente, ou seja, entende-se que em 62 anos não houve em Picos interesse por parte dos gestores em ampliar o sistema de esgotamento sanitário da cidade.

É interessante também ressaltar com base no livro de Duarte (1995) sobre a Picos dos anos 50, que já existiam as periferias na cidade, e estas localizavam-se nos espaços comuns em outras cidades, como nas encostas dos morros, nestes locais não havia o serviço de saneamento básico.

Em Picos houve uma particularidade com relação a outras cidades no que se refere ao distanciamento dos pobres do centro, como o município possui uma área geográfica com incidência de muitos morros picosos, dos quais se originou o seu nome, não houve como afastá-los da região central da área urbana. A povoação do município desde o início ocorreu em uma pequena faixa compreendida entre o atual Morro da Mariana e o rio Guaribas. A ocupação do município teve como ponto de partida a fazenda Currealinho, como explica SOUSA (2005), afirmando que Picos, fora fundado a partir do tripé: fazenda, curral e igreja:

O início do povoamento deu-se com a vinda de compradores de cavalos, originados de Pernambuco e Bahia. O primeiro lugar a ser devassado foi o atual município de Bocaina, em que Antonio Borges Marinho edificou, em 1754, uma capela, a qual ainda existe. Em 1851, erigiu-se a freguesia no Povoado sob a invocação de Nossa Senhora dos Remédios. Em 20 de dezembro de 1855, foi elevada à categoria de vila pela Resolução provincial nº 397, sendo desmembrada de Oeiras e ficando na ordem judiciária de Jaicós. Em 1859, a cidade de Picos foi edificada no local onde ficava localizada a fazenda de gado da família Félix Borges Leal, português vindo da Bahia que instalou a fazenda Currealinho às margens do rio Guaribas. Como na maioria das cidades do Piauí, Picos surgiu da combinação fazenda, curral e capela. Em 12 de dezembro de 1890, foi elevada à categoria de cidade. (SOUSA, 2005, p. 28)

³ A Rede de esgotamento existente na época começava no paredão de doutor Fabiano atualmente. Teve início da Rua Coelho Rodrigues, e segue pela Rua Coronel Luís Santos e descia pela Rua Francisco Prota terminando no cruzamento desta última com a Rua Monsenhor Hipólito.

Tendo como base o exposto acima, percebe-se como a pecuária influenciou o surgimento dos municípios no sertão nordestino e ainda contribui para a economia da região⁴.

Com relação ao sistema de iluminação pública de Picos vale ressaltar que até 1951 o abastecimento era feito por usina que tinha como força motriz a lenha. Esta usina funcionava onde atualmente é a Rua 15 de novembro (nas proximidades do rio Guaribas-junção das Rua São José e Santo Antônio). Neste mesmo ano foi inaugurada uma usina a óleo diesel, localizada na Rua São Pedro, que conforme Duarte (1995) melhorou o serviço de iluminação da cidade.

Referente ao abastecimento em 1950 até meados de 1960, Picos ainda não contava com sistema de encanamento, sendo assim a água provinha do Rio Guaribas e era transportada em ancoras, conhecidas popularmente por ancas, trazidas por jumentos. Muitas vezes as próprias senhoras traziam latas de água na cabeça. As famílias mais abastadas compravam as latas de água a homens que carregavam baldes sobre um tronco a cima do ombro. A água para o consumo era guardada em potes. As pessoas com maior poder aquisitivo compravam água advinda de dois olhos d'água: o Cabaços, situada a três quilômetros do centro da cidade, e o Boa Vista, localizado onde atualmente é o Povoado Cristovinho. Duarte (1995) afirma que esta água era mais indicada para o consumo humano.

1.1 O rio Guaribas

Considerado uma fonte de vida pelos habitantes picoenses, o rio Guaribas, na época era ainda perene e pouco poluído, e utilizado para diversos fins desde a lavagem de roupas e utensílios domésticos ao abastecimento de água da população, além de um espaço de lazer.

O Guaribas garantia, principalmente nos períodos de seca, água para o consumo; ao mesmo tempo que era utilizado para regar o plantio de alimentos feitos em seu leito, principalmente o de alho, produto este em que a cidade se destacou

⁴ Segundo a Produção Agrícola Municipal - IBGE 2011, a cidade de Picos contava com 11.156 cabeças de bovinos (1.474 mil litros de leite produzidos), 5.115 suínos, 1.004 Caprinos e 3.663 (Ovos de galinha produzidos: 186 Mil dúzias). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Último acesso: 30/10/2012.

como maior produtor nacional no período. Também eram plantados nas vazantes legumes e verduras, alimentos que abasteciam o comércio da cidade e o sustento das famílias.

Duarte (1995) afirma que em meados de 1950 o rio Guaribas tinha suas matas ciliares bastante preservadas e as águas eram límpidas com um número bem reduzido de poluentes, este se dava com a lavagem de roupas no leito do rio no fim da tarde, porém causava pouquíssimos danos ao rio já que era feito em um horário no qual a maioria das pessoas já haviam desempenhado suas atividades e que a corrente de água os transportava.

Oneide Rocha (2012) comenta que no leito do rio Guaribas eram feitas vazantes e canteiros de plantação de alho, cebola, batata doce, melancia e verduras que eram vendidas na feira ou utilizadas como tempero nas refeições dos picoenses.

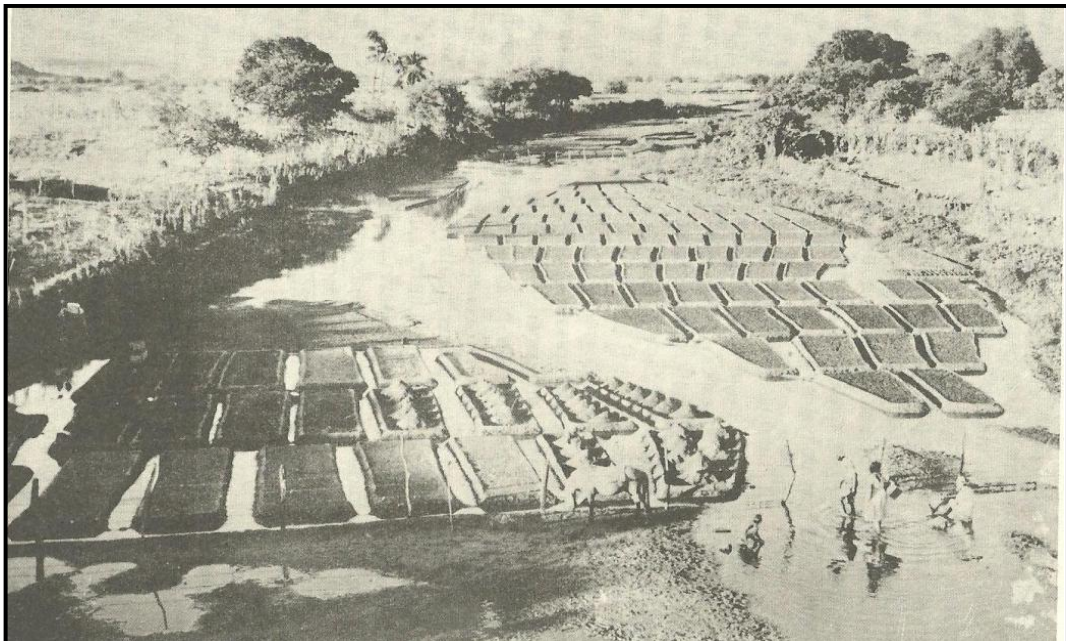


Figura 2 - Vazantes no leito do Rio Guaribas na década de 1950.

Fonte: Picos: Os verdes anos cinquenta.

Outro fator que Duarte (1995) elenca como colaborador para a preservação do meio ambiente próximo ao Guaribas, é que existia um pequeno número de residências ao redor de seu leito.

Além das águas, as pessoas também usavam a areia do rio Guaribas para a construção das residências, costume até hoje preservado em Picos. Um exemplo foi à construção da catedral Nossa Senhora dos Remédios, na qual se utilizou bastante este material. Trataremos deste tema do presente trabalho no capítulo seguinte.

O Guaribas ajudava ainda a aliviar as altas temperaturas do verão picoense, diversas pessoas aproveitavam para tomar banho no rio. Duarte (1995) comenta que os casais mais liberais da época aproveitavam nas noites para flertar nas areias do rio.

Desta forma, denota-se que o cotidiano e vida do povo picoense da época está estreitamente ligado ao rio Guaribas, que desempenhava importante papel tanto no campo econômico (plantio dos alimentos para o comércio), como no social (abastecimento de água para o consumo e para o banho), além de proporcionar lazer à população.

O rio Guaribas, com suas águas transparentes, era o grande contribuidor para a fertilidade do solo picoense e constituía, juntamente com os olhos d'água, a fonte principal de água potável para a população. Além da importante atividade econômica exercida em seu leito, o rio Guaribas ainda se apresentava como um espaço de lazer e sociabilidade nos anos de 1940 e 1950, visto que todos os dias, crianças e jovens saíam de suas casas para tomar banho e pescar no Guaribas.(OLIVEIRA, 2011, p.21)

Ao longo dos anos, são nítidas as modificações que vem agredindo e transformando o espaço do rio Guaribas, antes perene e agora temporário, com suas matas ciliares cada vez mais devastadas; sua água cada vez mais rara que se arrasta em um pequeno cordão que insiste em lutar para chegar ao seu destino final, e sujo com os dejetos do esgoto da cidade, o seu leito cada vez mais poluído. Apesar de tantas transformações, algo permanece, o rio Guaribas atualmente ainda é utilizado para a irrigação, principalmente de banana e goiaba, em várias comunidades da região de Picos.

1.2 Espaço urbano

Como já foi feito referência anteriormente, o que se define como cidade na Picos das décadas de 40, 50 e 60, é um pequeno aglomerado urbano, situado entre o rio Guaribas e a Montanha, hoje denominado de Morro da Mariana.

Conforme Oliveira (2011) Picos possuía os seguintes bairros na época: Bomba, nome dado pelo fato de no local existir o único posto de gasolina da cidade, o bairro Catavento, a Trizidela que era o bairro periférico no qual moravam as pessoas de menor poder aquisitivo, e o centro formado pela Praça Félix Pacheco, a Rua Grande, que é a atual Avenida Getúlio Vargas e o Mercado Público Municipal.

Após a construção da nova igreja, a cidade começou a crescer ao redor do templo. Desta forma pode-se fazer referência a Raquel Rolnik (2004) com relação ao papel do templo, que segundo a autora vai além do religioso. “O templo era o imã que reunia o grupo. Sua edificação consolidava a forma da aliança celebrada no cerimonial periódico ali realizado. Deste modo, a cidade dos deuses e dos mortos precede a dos vivos, anunciando a sedentarização”. (ROLNIK, 2004, p.14)



Figura 3 - A Igreja Matriz rodeada de casas e prédios, além ter ao lado a feira livre de Picos. Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1504409&page=2>. Último acesso em: 28 de outubro de 2012.

A professora Oneide Rocha (2011), em entrevista concedida a Karla Oliveira (2011), explica o espaço geográfico urbano existente em Picos em meados de 1960:

A cidade estava centrada na Praça Félix Pachêco, que constituía a zona de lazer da cidade. No seu entorno encontravam-se bares, sorveterias e o cinema. Descendo pela Rua dos Italianos, hoje Travessa Coronel Luís Santos, se chegava às residências até a Rua Oswaldo Cruz, depois disso, só tinha um campo de futebol, onde os rapazes se reuniam para descontraírem com o jogo de bola. Chegava ali nos Correios, pra lá não tinha mais casas na década de 1960. Os circos eram armados onde hoje é o Posto Total. Onde hoje é a 9ª Gerência de Educação, em 1960 foi inaugurado ali o Marcos Parente, a Unidade Escolar Marcos Parente, porque ele funcionava naquelas casas que ficam em frente ao Picoense Clube [...] Mas quando você chegava nos Correios, só tinha uma casa ali na rua que hoje é a rua Monsenhor Hipólito [...] tinha uma casa, mas a gente não a via porque ela era coberta de mato, sabe. E o mais, o Canto da Várzea não existia, existia a casa de Dr. Waldim lá na Severo Eulálio, quando você entra na Severo Eulálio, naquela rotatória, tem uma casa que é chamada a Ingazeira e lá a gente ia passear, fazer os piqueniques. (ROCHA, 2011)

Os estabelecimentos e moradias estavam basicamente distribuídos entre estas ruas: a Rua Velha (Avenida Getúlio Vargas) abrigava comércios, mercearias, o Instituto Monsenhor Hipólito e a Igrejinha do Sagrado Coração de Jesus, que ficava situada no final da via. Posteriormente esta rua recebeu o nome de Avenida Getúlio Vargas e atualmente é o principal logradouro de acesso ao centro da cidade de Picos. Oliveira (2011) ressalta ainda que o meretrício, casa de prostitutas, ficavam localizadas em uma região próxima a Igrejinha do Coração de Jesus, no Bairro Bomba.

Alguns bairros na época, como por exemplo, Passagem das Pedras e Canto da Várzea, tinham pouquíssimas casas, moravam nestes locais uma pequena parcela dos habitantes picoenses. Como ressalta Oliveira (2011):

Próximo à Trizidela existia o bairro Passagem das Pedras, entretanto, também era pouco habitado. Mundica Fontes narra que ia para esse bairro, com o grupo de jovens formado pela Igreja, trabalhar a catequese e ainda alfabetizar os jovens e adultos que lá moravam. Ela lembra ainda que quando o rio Guaribas estava cheio, a única forma de locomoção para o bairro Passagem das Pedras, era de canoa. Somente anos mais tarde a ponte foi construída para facilitar o acesso. (OLIVEIRA, 2011, p.25)

A população da cidade era predominantemente rural, como também já foi citado neste trabalho. E o próprio espaço possuía fortes características de uma área rural, na maioria das ruas não havia pavimentação asfáltica.

Apesar da infraestrutura precária, a cidade de Picos já constituía um entroncamento, ou seja, um encontro de estradas, termo este utilizado por Duarte (1995). Segundo o autor em 1940 o município já era um pólo da região, elemento que contribuiu e influenciou decisivamente o crescimento do comércio da região.

Um dos motivos que contribuíram para que Picos fosse um pólo na região foi a feira, oportunidade que as pessoas aproveitavam para comercializar seus produtos. A feira de Picos, na época já uma das maiores do Estado, atraía pessoas de vários outros municípios circunvizinhos, o que movimentava bastante a economia local.

1.3 Espaços de lazer

As ruas à noite eram locais de integração e conversas entre as famílias, cada uma sentava-se nas calçadas após o jantar, esta era também uma oportunidade para que as pessoas contassem estórias, reais ou de ficção. Neste momento a maioria das crianças ocupavam as ruas se divertindo.

Duarte (1995) destaca a utilização da Praça Félix Pacheco como um local utilizado para a prática de eventos, bem como um espaço de diversão e lazer. O autor comenta que a praça tinha um formato triangular, semelhante ao atual, e era o principal lugar para passeios, além de paqueras e namoro entre os adolescentes.

Assim como Duarte, Oneide Rocha destaca como era a estrutura e as transformações sofridas pela Praça Félix Pacheco nas décadas de 50 e 60:

A Praça Félix Pacheco era o chamado point, era o centro de lazer da juventude picoense, na década de 60, a praça tinha um coreto até aproximadamente 1967, onde hoje tem o presépio, nesse coreto a banda de música se apresentava aos domingos, ia tocar para a juventude dançar ao redor da Praça. Depois de 67 Doutor Oscar derrubou o coreto e construiu um abrigo naquele local, o abrigo se constituía de uma parte baixa e uma parte superior, que tinha um bar, era também ponto de encontro da juventude, lá a gente, depois que terminava a missa, você ia a missa aos domingos 9 horas, a gente vinha passear na Praça e a noite também a gente passeava na Praça. (ROCHA, 2012)

A Praça Félix Pacheco constituiu um local de encontro e socialização, principalmente de jovens, que após a missa se reuniam naquele espaço para flertar e namorar. A Praça também era um local de encontro entre os amigos, que aproveitavam para conversar sentados nos bancos dispostos na Félix Pacheco, um fato curioso era que os bancos tinham o nome das pessoas que os doavam ou de pessoas de relevância para a cidade.

Oneide Rocha (2012) explica que na década de 1960 e 1970 a Praça refletia a divisão social que existia em Picos no período. Ela comenta que por um lado do local transitavam apenas os indivíduos que gozavam de alto prestígio e eram privilegiados financeiramente. Do outro, frequentavam as pessoas de camadas mais pobres da sociedade picoense:

Tinha um passeio naquele lado onde é hoje a Loja A Preferida e o Banco do Brasil, era o passeio da sociedade da classe média alta. Do lado alí do paredão era o passeio das pessoas mais pobres, realmente eu não alcancei muito essa divisão muito clara, mas eu ouvi falar que era assim, uma não vinha para o lado da outra, era muito forte esse preconceito, essa divisão do passeio da Praça. (ROCHA, 2012)

Oneide Rocha, afirma ainda que na Praça eram realizadas as festas de carnaval, onde as pessoas se vestiam de fantasias, alguns homens usavam trajes femininos e desfilavam nas ruas da cidade. A professora destaca que os blocos agitavam o período carnavalesco em Picos no final da década de 1960 e competiam para decidir qual era o melhor.

Outra diversão também era o período do carnaval, tinha os blocos, em 1968 nós organizamos um bloco chamado de Bloco das Tropicálias, e tinha o Bloco Alegria Alegria, eram meninas, moças, jovens de 18-19 anos daqui de Picos e a gente dançava no Picoense Clube no sábado e no domingo, na segunda-feira ia para a AABB, na terça-feira era no Picoense Clube e havia concorrência, eu me lembro que as Tropicálias, que eu participava, nós ganhamos o primeiro lugar em 1968. Tinha o Bloco das meninas, das moças, mas tinha o Bloco também dos rapazes, os dois principais Blocos dos rapazes no carnaval era o Bloco Águia Negra e o Ás de Paus, então eram blocos que concorriam também, na terça a tarde eles iam visitar as casas de família, avisavam, por exemplo, que o Bloco Ás de Paus vai pra casa de fulano de tal e nas casas as pessoas esperavam os integrantes dos blocos com salgadinhos, com bolo, bebida, era uma coisa assim muito familiar, e além desses tinham outros blocos, os homens que se vestiam de mulher e saíam nas ruas, era uma coisa assim muito sadia, não tinha drogas, eu me

lembro que a gente brincava 4 noites de carnaval de 10 horas da noite até de manhã, e não bebia um gole de cerveja, só na base do guaraná.(ROCHA, 2012).

A partir do depoimento de Oneide Rocha, percebe-se que o carnaval de Picos era bem simplificado e se diferenciava dos grandes centros Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo, com o desfile de Escolas de Samba. É notável a divisão entre homens e mulheres, que participavam do carnaval separadamente, já que havia blocos compostos apenas por integrantes femininas e outros essencialmente masculinos.

Era também na Praça que as moças e rapazes aproveitavam para paquerar (flertar) e assim surgiam os namoros. De acordo com Duarte (1995) existia todo um *ritual* no qual as moças transitavam de braços dados umas as outras indo e vindo em uma parte da Praça e era neste momento que aconteciam à troca de olhares, quando o rapaz percebia que a moça respondia ao olhado ele a acompanhava e a convidava para a parte central da Praça, geralmente ocupada pelos casais.

Outro espaço para diversão em Picos era o Cine Spark, um cinema existente na cidade, fundado em 1964, prédio que atualmente funciona a Igreja Universal do Reino de Deus. Oneide Rocha (2012) afirma que eram exibidos filmes em todos os dias da semana, a partir das 19h: 00min. Nos domingos havia duas sessões. Os filmes a serem exibidos em cada dia eram anunciados por um carro de som que transitava na cidade no período da tarde.

Picos, contava com tertúlias, festas dançantes que geralmente aconteciam no Picoense Clube, que na década de 1960 já era localizado no mesmo espaço onde atualmente está situado. As tertúlias aconteciam nos domingos e quintas feiras, depois das missas. Rocha (2012) comenta que 1960 já havia em Picos bandas, inclusive na década de 1968 surgiu o conjunto chamado Os Leões, que segundo ela popularizou a música dos Beatles, banda de rock inglesa, que fez muito sucesso na época, chegando até a se apresentar em outras cidades nordestinas como, por exemplo, Bezerros, em Pernambuco.

É importante destacar que, como Os Leões priorizavam o estilo musical do rock, eram necessários instrumentos musicais que não tinham em Picos. Rocha (2012) revela que quando chegavam instrumentos a cidade, chamava a atenção de muitas pessoas, que se reuniam para ver os objetos estranhos ao cotidiano

picoense. A curiosidade pelo novo e desconhecido também permeava a Picos da década de 1960 e causava impacto nas pessoas.

Quando compramos as guitarras para organizar o conjunto dos Leões. O ônibus era o Marimbá, era a empresa Marimbá que parava ali onde hoje funciona o Tudo de Banco, ali tinha uma agência do Marimbá que era do tenente Gonzaga. Quando o Marimbá parou com as guitarras encheu de gente e acompanharam essas pessoas trazendo as guitarras lá da Praça, onde hoje é o Banco Itaú até a casa de Doutor Fonseca na Rua Luís Santos (conhecida atualmente por Casa dos Italianos), todo mundo queria conhecer o que era e como era uma guitarra. (ROCHA, 2012)

Tendo por base ainda o exposto pela professora Oneide Rocha, entende-se que elementos como drogas, presentes atualmente na cidade, ainda não permeavam o ambiente picoense na época.

Na década de 1960 o Picoense Clube era o principal espaço de lazer da sociedade picoense da classe media alta, embora já existisse a Associação Atlética Banco do Brasil – AABB, inaugurada em 1964, mas de acordo com informações de Rocha (2012) na época era um ambiente mais restrito, não tinha a popularidade do Picoense Clube, embora o Picoense Clube oferecesse acesso apenas para aqueles que eram sócios.

Outro elemento que proporcionava lazer aos picoenses nas décadas de 1950-1960 era a amplificadora “Luar do Sertão”, inaugurada na década de 1940, única rádio existente na cidade no período. A amplificadora veiculava músicas, programas de calouros e também divulgava assuntos de interesse da população, anúncios comerciais de lojas, acontecimentos que permeavam a pequena cidade de Picos. À Hora do Ângelus era transmitido todos os dias às 18h:00min pela amplificadora. A rádio-amplificadora Luar do Sertão era utilizada também para fazer pedidos musicais e declarações entre namorados.

Baseada nas informações citadas em trechos acima nota-se que apesar de Picos ser um pequena cidade do interior piauiense, com pouco mais de 54 mil habitantes nas décadas de 1950-1960, o município apresentava diversas opções de lazer. Desperta a atenção o fato de possuir um cinema no período e atualmente já não dispor de um. Além da realização de festas sociais e carnavalescas em clubes e ruas da cidade, bem como a utilização do rio Guaribas para a diversão e também a

Praça Félix Pacheco e em alguns períodos a estadia de circos no município garantia entretenimento aos moradores de Picos.

1.4 Economia picoense

O comércio e a agropecuária constituíam, de acordo com Duarte (1995), as principais atividades de Picos na época. Na feira eram vendidas verduras, frutas, legumes, cultivados principalmente na área rural do município, além de utensílios domésticos como panelas feitas de barro e outros objetos.

Karla Oliveira (2011) aponta que houve um crescimento da agricultura no período, tornando-se o principal meio econômico de Picos, ultrapassando o comércio e a pecuária. Este advento da agricultura deve-se principalmente a contribuição do rio Guaribas, que no período era perene e possuía água suficiente para a irrigação das vazantes.

Entre as décadas de 1940 e 1950, Picos ainda era uma cidade indissociável do núcleo rural. Entretanto o cenário já havia se modificado um pouco. No lugar da criação de gado como forma de sustento, nessas décadas, a agricultura se apresentava como a principal atividade econômica da cidade, que possuía grandes plantações de alho, batata, abóbora e cebola no leito do rio Guaribas, como podemos observar na imagem (OLIVEIRA, 2011, p. 20).

A perenidade do rio Guaribas contribuiu bastante para a produtividade dos alimentos de Picos. Rocha (2012) enfatiza que Picos foi eleito município Modelo do Piauí, em 1966, pelo INDA - Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário, que depois foi denominado de INCRA. O órgão fez um levantamento neste ano em todos os estados da federação e Picos foi eleito o município Modelo do Piauí. Os motivos para a escolha em primeiro lugar é o fato de na época não existirem latifúndios no município, o que favorece o desenvolvimento da agricultura familiar, em segundo lugar na época esta urbe já era o segundo entroncamento rodoviário do Nordeste e pesquisas apontaram que Picos tinha o maior lençol freático de água subterrânea da America Latina, além de um comércio em crescimento.

A produção de alimentos era uma das maiores do Estado o que lhe conferiu o título de celeiro agrícola do Piauí, também devido à feira, já uma das maiores da Região Nordeste.

Percebe-se que desde cedo Picos tinha uma tendência para o comércio, favorecido além da diversificação de alimentos, pela sua posição geográfica, localizada em um entroncamento (encontro de estradas), pois a própria cidade surgiu a partir de viajantes que se estabeleceram na região quando viajavam para outras regiões.

Duarte (1995) informa que em Picos se cultivava e produzia alimentos como arroz, feijão, alho, cebola, algodão, cera de carnaúba e maniçoba. Nas décadas de 40, 50 e 60 do século XX Picos também já contava com pequenas fábricas de redes, padarias, olarias, engenhos, casas de farinha, de beneficiamento de arroz e cera de carnaúba, como também para descaroçamento de algodão.

A palha de carnaúba era usada para construir jacás, esteiras, chapéu, abanador e outros objetos comuns no cotidiano sertanejo, além de ser utilizado como adubo natural em plantas de ornamentação ou nos canteiros de verduras. O pó da palha de carnaúba passava por um processo de industrialização e tinha outros fins, sendo posteriormente exportado para outros estados e regiões do Brasil ou até mesmo para outros países.

A criação de gado, comum no sertão nordestino, foi outro traço presente na cidade de Picos, além de fornecer a carne e o leite, também era frequente o aproveitamento do couro, que era colocado para secar e posteriormente utilizado na confecção de cadeiras, malas, calçado e na sua própria vestimenta para protegê-los dos espinhos presentes nos arbustos da caatinga.

Com relação aos empréstimos, em Picos não era comum o uso de contratos, recibos, cheques, a maioria dos acordos que envolviam dinheiro eram firmados verbalmente. Duarte (1995) afirma que mesmo assim, raramente as pessoas da época deixavam de cumprir seus compromissos.

Conforme Duarte (1995) com a inauguração da primeira agência do Banco do Brasil da cidade, no dia 15 de abril de 1944, esta realidade começou a mudar. O Banco foi estabelecido no mesmo prédio em que funciona atualmente e representou um impacto nas relações econômicas do município, porque estabeleceu o sistema de registro de maneira escrita das atividades financeiras entre os cidadãos picoenses e a agência. A partir de então os acordos, empréstimos e assuntos do ramo econômico passaram a ser descritos em papel.

CAPÍTULO II

SIM, É POSSÍVEL?! CONSTRUÇÃO DA CATEDRAL NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS

Como já mencionado outrora, a cidade de Picos nas décadas de 40, 50 e 60 do século XX, era um pequeno aglomerado urbano, com pouquíssimas ruas e estabelecimentos comerciais; e uma população de aproximadamente 55 mil habitantes.

Se pensarmos Picos desta forma será difícil compreender como uma população que não dispunha de excessivos recursos financeiros conseguiu construir uma igreja de tamanha dimensão na época, em uma cidade interiorana na qual ainda não existiam prédios daquela altura e tamanho.

Porém é imprescindível ressaltar que o catolicismo em Picos, como nas demais cidades do sertão nordestino, enraizou-se no cotidiano das pessoas e influencia fortemente hábitos, costumes e decisões de muitos indivíduos.

O Piauí é a unidade da federação com o maior percentual de católicos e desde a década de 1940 ocupa a liderança deste ranking. Estes dados levam a crer que na época da construção (1948-1968) a população de Picos era praticamente quase toda católica, com raras exceções, fato reafirmado por Miriam Lélis⁵ em depoimento, no qual destacou este fator, além da crença e fé na religião, como contribuintes para a adesão popular ao projeto de construção da nova igreja.

O catolicismo permeava o cotidiano do picoense, e a crença na religião era demonstrada de diversas formas, desde a participação nas missas e envolvimento com a Igreja, aos objetos e imagens de santos, que as pessoas possuíam em casa. Esta religiosidade do povo picoense podia ser observada nos espaços das residências como explica Duarte (1995):

Nos quartos dos casais mais religiosos havia sempre um oratório, onde eram colocadas as imagens de santos e outros objetos da iconografia católica. Havia uma variedade de estilos de oratórios, dos

⁵ Maria Domini Leopoldo Lélis de Araújo, é conhecida popularmente como Miriam Lélis, ela desde criança trabalha com os movimentos da Igreja Católica e conviveu com O Padre Madeira durante o período em que ele foi pároco de Picos.

mais rústicos aos mais trabalhados. Em algumas casas, um genuflexório colocado diante do oratório compunha aquele recanto dedicado a oração e à devoção. A qualidade e a beleza de um oratório e das imagens nele guardadas podiam ser um indicador não apenas da religiosidade dos seus donos, como também do status sócio-econômico da família. [...] Na sala de jantar havia sempre uma reprodução da Ceia Larga de Leonardo da Vinci, variando a qualidade da reprodução com as condições econômicas da família. Nas paredes da sala de visitas costumava-se pendurar um quadro do Sagrado Coração de Jesus, entronizado só ou com um quadro do Coração de Maria. (DUARTE, 1995, p. 56).

Ao observar a descrição de Duarte (1995) é possível notar a força e penetração do catolicismo no ambiente dos lares e na vida dos picoenses. Também faz-se necessário frisar que os objetos de certa forma refletiam a desigualdade social, já que os de maior poder aquisitivo possuíam quadros mais sofisticados. Nota-se ainda as representatividades dos artefatos que carregam consigo significados para seus donos, como a Santa Ceia e o Sagrado Coração de Jesus que lembram passagens bíblicas da vida de Jesus.

Para Duarte (1995) a edificação do templo religioso representou, não apenas um marco para o catolicismo picoense, mas um verdadeiro impacto para a arquitetura da cidade. “A construção da Igreja Matriz, iniciada em 1948, marcou uma nova era em Picos, já que foi a primeira edificação de tamanha altura e expressividade na cidade, diferente de qualquer prédio da cidade de Picos na época, tanto em dimensão quanto em arquitetura” (DUARTE, 1995, p. 33).

No relato de Duarte (1995), percebe-se que a notoriedade da igreja deu-se, não apenas no campo religioso, mas foi também pioneira em um novo estilo arquitetônico, o neo-gótico, na pequena Picos dos anos 1940-1950.

2.1 A antiga igreja

Antes da construção da atual Catedral de Picos, existia no mesmo local, a antiga Igreja Matriz, bem menor em extensão, e que foi edificada no ano de 1871, pelo então Frei Ibiapina, o apóstolo dos sertões nordestinos, pároco da cidade na época. De acordo com informações contidas no livro de Renato Duarte (1995) e de fontes, como Miriam Lélis (2011), a antiga Igreja fora construída em tempo recorde de 90 dias.

O antigo templo foi construído para abrigar a imagem de Nossa Senhora dos Remédios, trazida por um escravo negro a pé, de Salvador na Bahia até Picos, como pagamento de uma promessa feita pelo vaqueiro João das Dores para que seu filho e o filho do Coronel Victor de Barros Silva, fazendeiro que encomendou a imagem, voltassem salvos da Guerra da Balaiada (1838-1841).

Miriam Lélis (2011) conta que em 1871, com a conclusão do templo, a imagem foi transferida em procissão da Igrejinha do Sagrado Coração de Jesus, onde ficou desde a chegada ao município de Picos, até a Igreja Matriz.

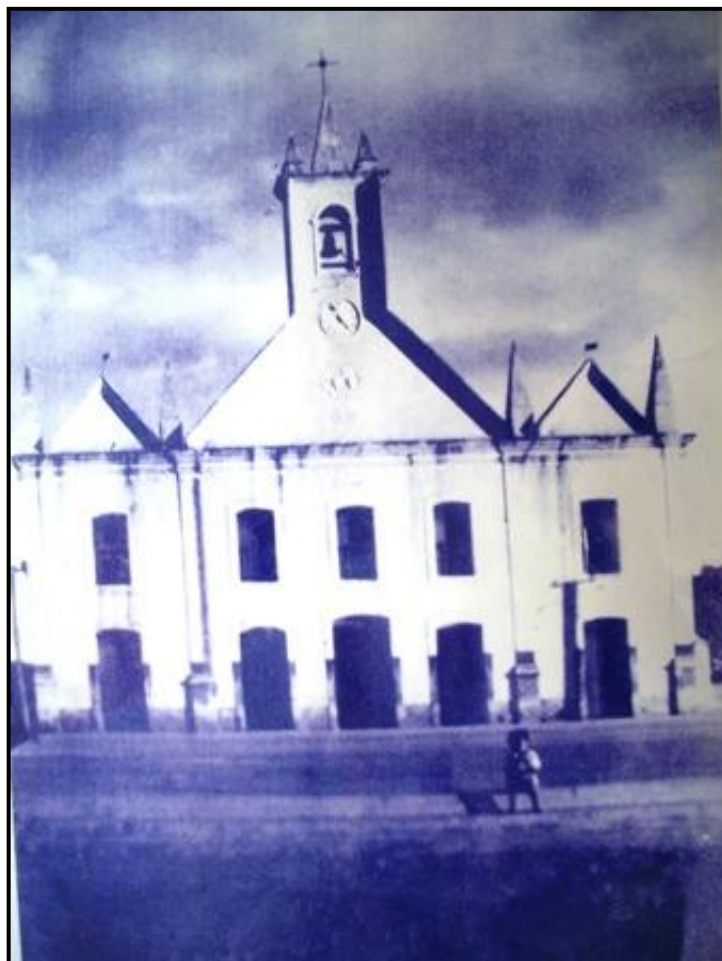


Figura 4 - Antiga Igreja Matriz de Picos, construída no ano de 1871.
Fonte: Arquivo da Catedral de Picos.

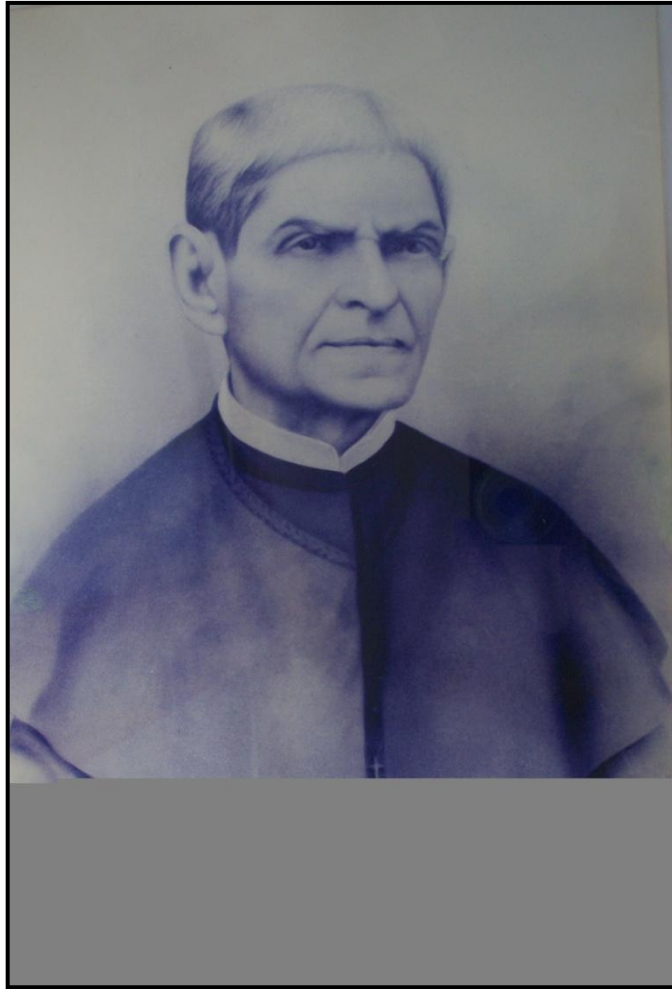


Figura 5 - Frei Ibiapina, incentivador da construção da Antiga Igreja Matriz de Picos.
Fonte: Arquivo da Catedral de Picos.

2.2 O Início da construção da nova matriz: entre anseios e dúvidas, a confiança no Padre Madeira

Com o passar dos anos, a população do município aumentou e conforme as fontes, a Igreja estava ficando pequena para a quantidade de pessoas e o prédio já estava deteriorado por causa das chuvas que caíam com mais frequência naquela época.

Miriam Lélis (2011) explica que na década de 1940, os padres Paulo Stanchovitz, Eriberto, Frederico, pertencentes à Ordem da Sagrada Família, planejaram a construção de uma igreja nova. O projeto era construir um novo templo com a frente para Praça Frei Ibiapina, atualmente Praça Justino Luz. Porém, devido à transferência dos padres no período o projeto não teve êxito.

Uma nova Igreja não demoraria a ser construída. Conforme relatos chega ; a Picos no ano de 1947 o padre José Ignácio de Jesus Madeira, carinhosamente chamado pelos picoenses de Padre Madeira, a pedido do então Pároco da Igreja Matriz, padre Davi Ângelo Leal, alegando que os serviços eram muitos e que necessitava de um ajudante. Nessa época a Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios, em Picos, pertencia a Diocese de Oeiras, permanecendo vinculada a esta até o ano de 1976, quando é criada a Diocese de Picos.

O padre Madeira, foi fundamental para a edificação de uma nova igreja, com o argumento de que a antiga Igreja Matriz, construída em 1871, estava pequena para suportar a capacidade de pessoas, e propõe aos católicos da cidade a construção de um novo templo, maior que o atual. As obras de edificação da nova igreja foram iniciadas no ano dia 1º de outubro de 1948.

Os entrevistados relatam que as pessoas apresentaram inicialmente resistência à ideia do Padre Madeira, mas com o decorrer do tempo se convenceram que era necessária uma igreja maior e aderiram ao projeto do sacerdote.

Tanto Mirian Lélis (2011), como Rosimar Albano (2011) e Francisco Antônio Rodrigues (2011), apontam como fator primordial para o convencimento da população a construir uma nova igreja, a popularidade e o carisma do Padre Madeira.

Mirian Lélis (2011) ressalta que o padre Madeira ganhou rapidamente a confiança dos picoenses:

O padre Madeira aqui ele só não fazia o que ele não queria. Depois que ele terminou essa Igreja. Ele construiu onde hoje é a casa do bispo. Depois ele disse que ia fazer uma fazenda para Nossa Senhora com 100 cabeças de gado doadas, tudo doado, não ia compra nada, só tinha as terras de botar o gado, e ele conseguiu. Nossa Senhora tinha uma fazenda com 100 cabeças de gado doadas, aí veio outros padres e não deu certo e foi acabando até que teve que vender. (LÉLIS, 2011)

O agricultor Francisco Antônio Rodrigues (2011) reforça o relato de Miriam Lélis:

O padre Madeira era muito inteligente e pacato, que soube conquistar a massa, ele enfrentou a construção da nova Igreja. O Padre Madeira era calmo e amenizava mais as coisas, por isso o povo se apegou muito a ele, ele apenas ensinava mas não era muito

rígido nas coisas, ele sempre amenizava. Ele ia na casa do rico e do pobre, fazia confissões nas casas distantes, e ele ia montado em um jumento. E conseguiu conquistar a massa. O que o padre Madeira pediu em Picos fizeram. O povo brigava para fazer o que ele pedia. O padre Madeira esteve em Picos de 1948 a 1962 e foi um ícone. Se você chegasse em um local e falasse mal do padre Madeira, as pessoas lhe jogavam pedra. Ele foi um ídolo. (RODRIGUES, 2011)

Rosimar Albano (2011) apresenta um depoimento referente ao padre Madeira com características semelhantes à Mirian Lélis e Francisco Antônio Rodrigues. “O padre Madeira, que não podemos esquecer, porque naquela época o progresso caminhava lentamente, ele teve a coragem de construir um templo desse, tão belo, e foi só a boa vontade do povo de Deus e de nossa terra e as pessoas que passavam por aqui.” (ALBANO, 2011). Este empenho e dedicação do padre Madeira na construção da nova igreja, bem como sua trajetória de vida é assunto que será explorado no próximo capítulo deste trabalho.

Por causa de anseios e resistências no início da construção, a nova igreja começou a ser edificada pela parte de trás da antiga, com o intuito de que a já existente não fosse derrubada por completa de uma vez. A partir desta afirmação nota-se que a idéia era ampliar, mas com o passar dos anos foi construída uma nova igreja, embora no mesmo local, porém com dimensões e altura muito maiores.



Figura 6 - A construção da nova igreja foi iniciada pela parte de trás do antigo templo.

Fonte: Vídeo produzido sobre a Igreja.

2.3 A união faz a força: as diversas formas de contribuição para edificar a nova igreja

Após o consenso, em outubro de 1948, a população inicia a construção de uma nova igreja, que durou 20 anos para ser edificada, concluindo o processo no ano de 1968. Posteriormente o novo templo se tornou catedral ao ser dedicada a Nossa Senhora dos Remédios no dia 15 de agosto de 1976, em cerimônia que contou com a presença do Núncio Apostólico do Brasil⁶, Dom Cármine Rocco.

As fontes ouvidas destacam que apesar das dificuldades financeiras, pois a maioria das pessoas não dispunham de alto poder aquisitivo, o projeto conseguiu rapidamente a adesão de crianças, jovens, adultos e idosos das famílias mais

⁶ Núncio Apostólico é uma figura da Santa Sé que em cada país onde a Santa Sé tem relação diplomática ele está presente. É semelhante aos embaixadores dos países, é o representante do papa, só que o Núncio está mais ligado porque representa a Igreja, é como se fosse à presença do papa naquele país. Mas também representa governo porque o Vaticano é um estado, o papa é como se fosse o presidente e o núncio como se fosse um embaixador, representa o papa em determinado país. É uma função diplomática e representativa da igreja.

abastadas da cidade as mais humildes financeiramente. O agricultor Francisco Antônio Rodrigues (2011) afirma que o engajamento se deu por parte de pessoas das mais variadas camadas da sociedade picoense.

Não tinha diferença na área financeira, o pessoal da Ipueiras era o que mais participava, mas todo mundo ajudava não tinha exceção na área financeira, era o pobre e o rico, o mendigo e o filho do prefeito. Todo mundo brigava para botar os materiais para construir a Igreja, tanto que o Padre Madeira nunca pagou nada para botar material lá. (RODRIGUES, 2011)

Com base nas informações dos depoentes percebe-se que as contribuições para a construção do templo aconteceram de várias formas. A arrecadação de recursos financeiros era feita por meio da realização de leilões, bailados, peregrinações, doações. Além deste tipo de trabalho as pessoas participavam ajudando na mão-de-obra, transportando os materiais para a construção do templo.

2.3.1 Bailados

Comuns e culturais, na época, foram realizados leilões, bailados e peregrinações com imagens de santos, objetivando juntar o dinheiro necessário. Os bailados eram danças, geralmente praticadas por crianças, que nas décadas de 1940, 1950 e 1960, visitavam as residências das famílias picoenses a fim de angariar recursos para contribuir com a construção do novo templo.

Os bailados eram realizados a noite, antes do grupo de dança visitar uma casa, os donos da residência eram previamente informados para que preparassem a recepção e a doação. Oneide Rocha (2012) lembra de dois grupos de bailados na cidade:

Tinha o bailado do Coração de Jesus que eu achava muito bonito, as crianças se vestiam de índios, esse bailado era organizado por Dona Benvinda Nunes que era professora. Tinha o bailado da Associação de Nossa Senhora do Carmo, era organizado pela professora Dorinha Xavier, que durante muito tempo foi diretora da Escola Comercial de Picos que formou muitos contabilistas. Eu participei desse bailado que era denominado Bailado das Andorinhas. À noite íamos para as casas, mas eu achava mais bonito e animado, o Bailado do Coração de Jesus, dançávamos nas casas, fazíamos apresentações, quando chegava na casa a família já estava reunida, depois da apresentação a família dava a sua oferta. O dinheiro era

destinado à compra dos altares. Todas as casas que íamos as pessoas já estavam esperando. Ainda tinham as pessoas que acompanhavam os bailados era a diversão de Picos, não tinha televisão. (ROCHA, 2012)

Além da forma para juntar recursos para a edificação do templo, os bailados também eram uma opção de lazer e momentos de descontração, festa e união entre as crianças, principalmente as que tinham idades entre 8 e 10 anos, como pode ser notado no depoimento de Oneide Rocha (2011), já que a população assistia e participava da dança.

O objetivo dos bailados era principalmente arrecadar a quantia necessária para a compra dos altares de mármore carrara que vieram da Itália, pois neste período a igreja já estava em processo de construção avançado.

A funcionária pública Remédios Barros (2012) recorda de uma mobilização realizada pelo padre Madeira para a aquisição de dinheiro para adquirir os altares laterais e central da nova Igreja. Foram divididos três grupos, cada um deles responsáveis pela arrecadação necessária para a compra de um dos altares.

Lembro-me da campanha feita para a compra do altar principal de Nossa Senhora dos Remédios, laterais de Nossa Senhora do Carmo e Sagrado Coração de Jesus. O padre Madeira fez uma grande campanha dividindo os fiéis em três grandes grupos: Esperança, (Nossa Senhora dos Remédios) liderada pelo padre Madeira, Fé, (Nossa Senhora do Carmo), liderada pela Associação do Carmo e Caridade (Coração de Jesus), liderada pelo Apostolado da Oração. (BARROS, 2011)

A comerciante Rosimar Albano (2011), afirma que a adesão popular e envolvimento das pessoas em atingir a meta eram impressionantes:

Particpei de um bailado em prol do altar do Sagrado Coração de Jesus. Todas as noites saíamos pelos bairros da cidade, de casa em casa, cantando e dançando para angariar dinheiro. Fomos inclusive para as cidades vizinhas. Era incrível como todos colaboravam, com muita alegria e boa vontade. Trabalhamos muito, porém, todos nós vencemos, pois, conseguimos o objetivo desejado. (ALBANO, 2011)

Analisando estes trechos citados por Remédios Barros e Rosimar Albano, é possível perceber a penetração da religião e dos líderes religiosos (padres) no cotidiano dos cidadãos picoenses, bem como a ligação e crença destes no catolicismo.

Os recursos arrecadados pelos três grupos: Esperança, (liderada pelo próprio padre Madeira), Fé (liderada pela Associação do Carmo) e Caridade, liderada pelo Apostolado da Oração, foram investidas na compra dos altares, que vieram diretamente da Itália e atualmente continuam bem conservados na catedral.

2.3.2 Peregrinações, leilões e quermesses

Caravanas com as imagens de santos da devoção popular percorriam as comunidades urbanas e rurais de Picos e região, em peregrinação nas residências para arrecadar recursos para a edificação da nova igreja. Os relatos dos depoentes apontam que a recepção era feita com sentimento de alegria e satisfação pela “visita” da “santa” ou “santo”.

Como ocorria com os bailados, a família que recepcionava a imagem contribuía com uma quantia financeira ou por meio da doação de animais, principalmente bois, para posteriormente serem leiloados.

De acordo com Miriam Lélis a comunidade que iria receber a imagem preparava uma festa para recepcioná-la. Eram preparados pratos típicos: galinha com arroz, carne assada, acompanhada de uma bebida chamada aluá, bastante popular na época e também faziam bolos.

No local em que a imagem ficava “hospedada”, era costumeiro o dono da residência realizar um leilão com data marcada antecipadamente e anunciada aos vizinhos.

Um desses leilões aconteceu no Povoado Tapera, na casa do agricultor Francisco Antônio Rodrigues: “Aqui na casa da minha mãe teve um leilão com Nossa Senhora dos Remédios. As pessoas que não tinham condição se juntavam com outras do lugar e faziam os leilões. O dinheiro juntado era todo entregue na mão do padre Madeira” (RODRIGUES, 2011).

Mais uma vez percebe-se aqui a penetração da religião e sua força no cotidiano do nordestino, determinando conceitos, modos de agir, valores e crenças. Rosimar Albano (2011) relata que participou das peregrinações e chegou a realizar uma com algumas crianças, na oportunidade ela revela que conseguiu juntar algum dinheiro e entregou ao padre Madeira.

Eu tenho uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, que quando eu era pequena eu fiz a peregrinação de casa em casa, como os adultos faziam colaboração, eu também quando criança fiz. Juntava as crianças e saíamos nas casas, todas as noites fazíamos. Eu me lembro que no final arrecadei certa quantia e fui com muita alegria entregar ao padre Madeira. A minha colaboração e a das crianças na época. (ALBANO, 2011)

A mobilização é um fato interessante, pois surge a partir do elemento comum que liga as pessoas, a religião Católica, é indispensável partir deste princípio para entender esse processo de edificação do templo.

Outra maneira de arrecadar dinheiro eram as quermesses, diferentes das realizadas atualmente. Na época eram vendidos bolos, doces, chocolate, salada de fruta, entre outras. Oneide Rocha (2011) lembra a quermesse das zeladoras do Sagrado Coração de Jesus, feita na casa de Dona Balbina Santos. Nessas quermesses vendiam doces; as pessoas saíam de porta em porta pedindo as jóias (objetos) para confeccionar ou fabricar os produtos de venda. Mais uma vez, contavam com a colaboração de diversas pessoas.

As missões – neste período eram realizadas de quatro em quatro anos – era o momento em que acontecia a crisma, na oportunidade vinham a Picos padres capuchinos e franciscanos de Teresina ou Juazeiro (Frei Serafim e Frei Conrado foram dois religiosos de outras cidades que participaram de missões em Picos, segundo Francisco Antônio Rodrigues). Durante as Missas, eles se dirigiam ao patamar da igreja para fazer o sermão e no meio da novena pediam um chapéu de algum assistente e o passavam entre as pessoas, pedindo dinheiro para a construção e povo enchia o chapéu, afirma Francisco Antônio Rodrigues (2011).

Além da finalidade precípua de angariar fundos, os leilões, as peregrinações, as quermesses e os bailados também eram uma oportunidade para a diversão segura, as pessoas sentiam-se felizes, pois além de ajudar a edificar uma nova igreja, também se animavam. Os dançarinos dos bailados faziam a alegria dos moradores das residências de Picos e outras cidades da região, que recebiam entusiasmados a caravana.

2.3.3 Mãos a obra: o transporte dos materiais para a edificação do templo

A inteligência do padre Madeira é refletida na sua maneira de organização. O religioso, alimentando o desejo de construir um templo feito por todos e para todos, dividiu a construção em três áreas de ação: arrecadação dos recursos financeiros, mão-de-obra, que consistia no transporte dos materiais, e na parte da edificação pelos operários.

A idéia do padre, em meio ao que relatou as fontes, era incluir os picoenses no projeto da edificação da igreja, de uma maneira pela qual todos de alguma forma contribuíssem. Isso pode ser encarado ainda como uma estratégia para conseguir a adesão da maior parte de pessoas possíveis. Por tratar-se de um templo religioso, e a religião ser um elemento de união entre as pessoas como já foi elencado neste trabalho, a tarefa de mobilizar os indivíduos foi facilitada por este aspecto.

Uma oportunidade para aqueles que não dispunham de dinheiro para doar eram os mutirões, através dos quais, as pessoas transportavam os materiais necessários para a obra. Os depoentes afirmam que esta foi uma das maneiras de contribuição em que houve maior adesão e envolvimento dos picoenses.

Os mutirões aconteciam nos dias de domingo, geralmente depois da Missa das 9 horas da manhã, celebrada próximo a Igrejinha do Sagrado Coração de Jesus por causa da Igreja Matriz estar em construção. Francisco Antônio Rodrigues (2011) lembra que após receber a benção do celebrante da Missa, os fiéis cumpriam a solicitação pelo padre Madeira no momento do sermão para que fossem ajudar a trazer os materiais.

Nos domingos tinha a Missa das nove da manhã e ele pedia ao povo ajuda e auxílio a todo paroquiano da região para ajudar a construir a igreja e o povo tinha uma fé tão viva que fazia tudo que ele mandava até o material para construir próximo, areia do rio, os adobes de alvenaria que era feito do barro comum produzido no Catavento era todo trazido nas mãos e na cabeça. Ia tanta gente ajudar a trazer esse material para a igreja até o povo do interior ia que não cabia na estrada, barruando uns nos outros. (RODRIGUES, 2011)

Nesta lembrança de Rodrigues (2011), percebemos uma das características de demonstração da religião, a fé. A igreja é considerada a “casa” de Deus pelos cristãos e de Nossa Senhora, mãe de Jesus. Assim os fiéis, filhos do ser superior e criador de tudo, acreditavam que era obrigatório trabalhar para a construção da casa do pai supremo. O agricultor Francisco Antônio Rodrigues (2011), filho de uma

família humilde, financeiramente conta que saía de sua residência no Povoado Tapera junto com seus outros irmãos e percorriam uma larga distância, levando os materiais para a igreja:

Minha mãe, nessa época eu era menino pequeno, fazia com que nós fôssemos daqui a aproximadamente cinco quilômetros com uma cuia e uma gamela⁷ botar areia do rio para o local da Matriz. Ia com chuva ou com Sol, tinha que ir. Eu ajudei a carregar areia do Rio (Guaribas,) ali onde era a penitenciária antiga. Eu levava areia numa coité⁸ e numa gamela. [...] Minha mãe trazia os vizinhos tudo. Ela dizia assim: Tem que ir botar areia para a Igreja de Nossa Senhora! Ia tudim só porque mãe mandava e o povo ia na estrada brigando para pegar areia. No domingo a partir de uma hora da tarde juntava a multidão, era tanta gente que as pessoas falavam sai do meio que eu quero passar. (RODRIGUES, 2011)

Pelo que se observa o imaginário dos picoenses está estreitamente relacionado à religiosidade, assim o esforço das pessoas, a partir do que foi exposto pelas fontes orais, parecia ser recompensado apenas em saber que estavam contribuindo com a construção de um local sagrado. Desta maneira as pessoas carregavam não apenas os materiais para a obra, mas depositavam naquele monumento o desejo, a força de vontade, a confiança, a fé e a esperança, sentimentos que pertencem ao imaginário (campo) religioso.

Por meio das recordações feitas pelos depoentes, é possível perceber que há uma tentativa dos mesmos em reafirmar constantemente que o projeto de construção da nova Igreja de Nossa Senhora dos Remédios conseguiu a adesão popular, ao mesmo tempo em que tentam colocar que durante o trabalho de construção extinguiu-se toda a diferença de condição social, ou seja, que todas as pessoas estavam em um patamar de igualdade, pois os que não dispunham de recursos financeiros para contribuir, participavam na mão-de-obra, transportando os materiais.

Miriam Lélis (2011) comenta que a vontade das pessoas em colaborar era tão grande que muitos, além de contribuir na arrecadação financeira, também ajudavam na parte da mão de obra, até mesmo as famílias mais ricas se engajavam, participando dos mutirões. Isso leva a crer que os fiéis consideravam obrigatório o auxílio para carregar os materiais.

⁷ Tipo de recipiente feito de madeira.

⁸ Fruto de uma árvore do qual se faz uma espécie de vasilhame utilizado como utensílio doméstico.

Um fato curioso a esse respeito, que chamava a atenção e é lembrado por muitos daqueles que vivenciaram o período da edificação da Catedral é que, de acordo com alguns depoentes, nos meses de janeiro, fevereiro, julho e dezembro, uma moça muito bonita, fina e elegante, filha de uma das famílias mais ricas da cidade, que estudava em Recife, capital Pernambucana, vinha a Picos passar as férias. Segundo relatos, quando estava em Picos ela se dirigia até a região, na época conhecida por Cainágua, hoje Bairro Catavento, chegando ao local colocava um lenço de linho sobre a mão e por cima um tijolo, carregando-o até o espaço da construção da nova igreja. Esta tática era usada para que não sujasse a mão, porém deste caso pode-se deduzir duas hipóteses: a primeira que a moça possuía o desejo de ajudar na edificação do templo por vontade própria, ou, a segunda que se sentia pressionada por sua família ou mesmo por seus valores religiosos a contribuir com o templo.

Devido à ausência de meios de transporte motorizados, outro meio de trazer os materiais até a obra era o uso de jumentos que carregavam areia e tijolos em jacás colocados sobre as costas destes animais. Os jegues eram cedidos pelos senhores proprietários destes animais, como descreve Oneide Rocha (2012) “O que eu escuto falar é que o povo trazia os materiais para a construção na mão, mas eu me lembro também que em frente da igreja tinha um bocado de jumento com aquela carrada de tijolos, descarregando os tijolos, barro e areia. Era transportado também em jumento”. (ROCHA, 2012).

Segundo Miriam Lélis (2011), os pedreiros trabalhavam dois dias e cobravam apenas um, como forma de também ajudar a diminuir os gastos com a obra. De acordo com ela o(s) engenheiro(s), não se sabe ao certo se era mais de um, construíram o novo templo a partir da igreja de Petrolina em Pernambuco, que se comenta ter sido feita a partir da Catedral de Notre Dame, na França. Os engenheiros faziam uma viagem bimestral a Petrolina para fazer a cópia e refazer na futura catedral de Picos.

Picos nas décadas 1940, 1950 e 1960, como já foi apontado neste trabalho era um pequeno núcleo e possuía várias carências. Esta precariedade se refletiu na infraestrutura dos materiais de suporte da obra, citados por Oneide Rocha (2011) como rústicos e que representavam um verdadeiro perigo para os pedreiros e serventes que trabalhavam no local.

Eu me lembro dos andaimes, a gente ia para a Igreja, entrava, era cheia de andaimes, as pessoas trabalhando, então eu cresci vendo essa Igreja ser construída. Me lembro das torres, todo aquele material muito rústico, simples, os homens empenurados por corda, e também do depoimento Vanilda Albano, ela disse que o pai dela foi quem fez o forro da Igreja, e o pessoal dizia o forro vai cair, não cai não, mas ficava naquela apreensão, pois uma Catedral construída sem cimento, sem ferro e construída por pessoas daqui, somente sob a orientação e coordenação do Padre Madeira, que está sepultado lá na Catedral. (ROCHA, 2012)

Tendo como base este texto acima, é possível ressaltar que a construção da Igreja representou uma verdadeira ousadia, já que como foi elencado pela professora Oneide e também apontado em entrevista por Miriam Lélis, o templo não possui nenhum tipo de ferro ou cimento em suas paredes, nem mesmo nas torres de 40 metros de altura cada uma. E o fato da rusticidade dos materiais pode ser explicado pelo motivo de que Picos em 1948, data do início da construção, e nas décadas de 50 e 60, não ter nenhum prédio próximo da dimensão da Igreja, assim não havia no município equipamentos adequados a uma de tamanha estrutura para o período, pois até então não havia esta necessidade.



Figura 7 - Imagem do início da construção da nova Igreja, como descreve Oneide Rocha, percebe-se a precariedade e fragilidade dos andaimes.

Fonte: Vídeo produzido sobre a Igreja.



Figura 8 - A Igreja Matriz com sua primeira torre em fase de conclusão, nota-se na imagem a rusticidade dos equipamentos de suporte dos pedreiros.

Fonte: Vídeo produzido sobre a Igreja.



Figura 9 - Igreja Matriz, já com as duas torres construídas, começa a ganhar os acabamentos.

Fonte: Revista Foco – centenário de Picos.



Figura 10 - Depois de concluída a nova Igreja ganha os vitrais.
Fonte: Vídeo produzido sobre a Igreja.

Em meados de 1960, a Igreja já estava com suas paredes quase todas erguidas, a partir de então começou a mobilização para adquirir os materiais de ornamentação do templo (vitrais, luminárias, altares) e as portas do templo. É interessante ver como cada um destes objetos trazem consigo um significado ou mais de um.

Através do ardor do trabalho de cada pessoa, o templo ganhou forma, primeiro o alicerce, depois às largas paredes, as telhas para a cobertura chegavam do Bairro Ipueiras, trazidas pelas mãos do povo. Após o primeiro passo foram erguidas posteriormente as torres de 40 metros que conferem grandeza à Catedral e, posteriormente, foram feitos com enorme habilidade os acabamentos em estilo gótico, arquitetura que tem como características a verticalidade e riqueza de detalhes.

2.4 A história de Jesus ilumina a Igreja: a aquisição dos vitrais e sua simbologia

Ao entrar na Catedral pela manhã, a primeira coisa que chama a atenção são os vitrais coloridos, distribuídos ao longo de toda a extensão do templo, que refletem a luminosidade do sol, enchendo o local de cores.

Nos vitrais dispostos nas naves laterais, na nave central e na parte superior, em cada um deles há uma imagem da história da vida de Jesus Cristo, como o encontro com os apóstolos e anjos, os momentos de oração, batismo no rio Jordão, a entrada na cidade de Nazaré acompanhado pelos seus pais Maria e José, o nascimento e visita dos reis magos, Jesus no Horto das Oliveiras, a crucificação e a ressurreição, Cristo: o Bom Pastor conduzindo as ovelhas, o aparecimento dos arcanjos Miguel, Rafael e Gabriel, dentre outras passagens bíblicas.

Miriam Lélis (2011) explica que os vitrais também foram uma oferta do povo, a pedido do padre Madeira. Cada pessoa, família ou comunidade que ofertasse um vitral teria seu nome registrado nele para que fossem lembrados posteriormente.

Aqueles vitrais, o padre Madeira inventou que cada família que tivesse condição financeira, oferecer um. Ele pedia que viesse da Itália e quando chegava, a família pagava. Registrava ali para saber no futuro o nome da família. Quando uma só família não podia juntava e fazia aqueles trabalhos para poder comprar as coisas. Quem podia mais ajuda mais, quem podia menos ajudava menos. (LÉLIS, 2011)

Analisando o exposto por Miriam Lélis (2011), percebe-se uma forte presença da memória, que está impregnada nos significados dos vitrais. Em primeiro lugar as passagens bíblicas têm o intuito de fazer com que os cristãos analfabetos assimilem mais facilmente os ensinamentos religiosos do cristianismo, em uma segunda circunstância está implícita a tentativa de relembrar através dos nomes escritos em cada peça o seu doador e aquele período.

Os vitrais estão assim dispostos na Catedral de Nossa Senhora dos Remédios:

Na parte inferior do lado direito do altar estão localizados os vitrais ofertados pela família Lopes, do Povo de Coroatá, da Família de Benedito Reinaldo, do Povo de Capitão de Campos e dos Devotos da Virgem do Carmo.

Na parte superior do lado direito do altar estão localizados os vitrais doados pela Irmandade do Carmo, Moças de Ipueiras, Família de Lourenço Pereira, oferta das Crianças de Ipueiras, Povo de Saquinho, Povo de Ipueiras, disposto acima do altar lateral.

Os vitrais do altar foram oferecidos pelo Povo de Saquinho, Moças Picoenses, Povo de Genipapo, Oferta do Coronel Luiz Sousa Santos, José Teotônio Luz (vitrail localizado acima das imagens de Nossa Senhora dos Remédios e de Jesus Cristo pregado na cruz), Major Pedro Rodrigues, Urbano Eulálio Filho, Coronel Francisco Santos e Família de Joaquim Baldoíno.

Os vitrais colocados nas partes inferior do lado esquerdo do altar, oferta de Rafael e Zina Xavier (vitrail localizado no Sacrário), oferta dos Devotos do Coração de Jesus, oferta do povo de Cristovinho, oferta do Doutor José Carlos Filho, oferta do povo de Umari, oferta do povo de Sussuapara, oferta do povo do Riachão e oferta do povo de Bocaina, assim como os do lado esquerdo do altar – parte superior, doados pelo povo de Saquinho, povo de Saco do Engano, povo de Jenipapo, Círculo Operário de Picos, povo de São Luiz e da Pia União das Filhas de Maria.

2.5 Sacrário

O sacrário de metal foi doado pelo senhor Acelino Teotônio da Luz e está localizado ao lado esquerdo do altar da Catedral. Acelino Teotônio da Luz também doou o baldaquim para a exposição do Santíssimo. A luminária em forma de cristais que está localizada acima do sacrário foi uma doação da senhora Isabel Nunes de Barros, conhecida por Belinha Baldoíno.

2.6 Altares laterais

Miriam Lélis (2011) explica que os altares laterais da Catedral Nossa Senhora dos Remédios foram ofertados pelo Apostolado da Oração e Confraria Nossa Senhora do Carmo, eles são feitos de mármore carrara e vieram da Itália.

2.7 Instalações elétricas

A missão de instalar os fios elétricos das torres, 40 metros de altura cada uma, ficou a cargo de Pedro Cecílio do Nascimento, o popular Pedrinho da Usina. As torres da igreja podem ser vistas à noite de vários locais do município e por isso ela se torna um ponto até mesmo de localização para as pessoas que visitam a cidade pela primeira vez ou a conhecem muito pouco.



Figura 11 - A implantação da iluminação do cruzeiro da nova igreja.
Fonte: Vídeo produzido sobre a Igreja.

2.8 Portas

Um fato curioso e que merece destaque é a moldura das portas da Igreja. Ao observá-las é nítida a semelhança com as portas da Igreja de São Benedito, localizada na capital piauiense, Teresina. Não por acaso, Miriam Lélis (2011) explica que as portas da igreja foram talhadas pela família Albano que trabalhava com carpintaria na época:

Depois que foi levantada, que veio os acabamentos, as portas foram feitas pela família Albano. Zequinha Albano, João Albano e seu Quica Albano, gostavam muito de trabalhar em madeira e eram pessoas muito caprichosas. Na época que foi para fazer as portas, seu Quinca foi a Teresina para tirar o modelo das portas, que são trabalhadas na madeira, naquele tempo as coisas tudo era muito difícil, então aqueles bordados em alto relevo, eles faziam com canivete bem afiado. (LÉLIS, 2011)

José Albano de Moura, conhecido popularmente por Zequinha Albano, relata que o padre Madeira encomendou as portas da Catedral pelo fato de, na época, eles possuírem uma pequena loja de móveis de madeira. Ele ressalta que inicialmente foi como encarar um desafio, pois possuía apenas objetos rudimentares para trabalhar em madeira e a referência era apenas uma pequena fotografia das portas da igreja de São Benedito, localizada na cidade de Teresina:

A nossa família tinha uma movelaria, e o padre Madeira falou com papai, querendo que a gente fizesse as portas. Naquele tempo era tudo difícil, as ferramentas eram aquelas talhas, na base de canivete, então eu botei um rapaz para me ajudar. Para reproduzir a partir daquela fotografia não foi fácil, pois a imagem era muito embaçada. No princípio, a gente ficou até nervoso, porque era complicado, mas estudando direitinho como era, fomos levando e deu para fazer. (MOURA, 2011)

As dificuldades foram pouco a pouco se tornando incentivos para Zequinha Albano e seu irmão João Albano que, passo a passo, foram tecendo as imagens no cedro (tipo de madeira) vindo do município de Floriano. Dentro de alguns meses as portas estavam prontas, e percebe-se que o resultado superou até mesmo a expectativa dos carpinteiros que as criaram: “Acho que foi um milagre, pois foi gratuito, acho que não tinha competência para fazer aquilo.” (MOURA, 2011).

Zequinha Albano garante que todas as portas da Igreja foram esculpidas com canivetes e outros objetos rudimentares que possuíam na movelaria de propriedade de sua família.



Figura 12 - Imagens esculpidas nas portas da catedral demonstram a precisão, riqueza de detalhes e habilidade dos carpinteiros.

Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Rodrigues Ibiapino.

Percebe-se mais uma vez nestes relatos a presença e força da religião católica na vida dos cidadãos picoenses, levando-os por meio da fé a um esforço permanente de ultrapassar os obstáculos, mesmo sem as ferramentas adequadas para o trabalho.

2.9 Piso

Os mosaicos que estão afixados na Catedral de Picos, tanto das naves laterais como da central, foram produzidos na Fábrica de Mosaicos Santa Rita, de propriedade do agrimensor Isácio Brasileiro Neto. A fábrica ficava localizada na Rua Urbano Eulálio, por trás do Banco do Brasil, onde funcionou por algum tempo a Funerária Santa Ana.

Oneide Rocha (2012) explica que os mosaicos eram feitos em formas nas quais se depositavam cimento e depois a tinta para posteriormente fazer os cortes, antes do recorte ficavam de molho na água.



Figura 13 - Piso das laterais da Igreja
Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Rodrigues Ibiapino.

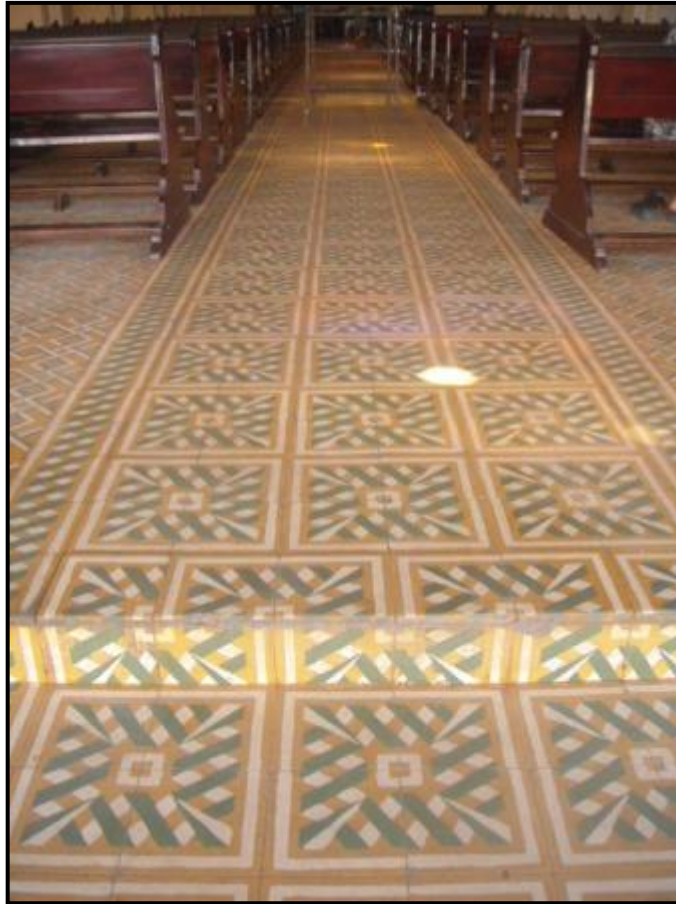


Figura 14 - Mosaico da nave central da Igreja.
Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Rodrigues Ibiapino.

2.10 Sinos e o relógio

O badalar dos sinos de uma igreja é uma maneira de informar as pessoas sobre o passar do tempo e também anunciar o falecimento de uma pessoa. É interessante como este objeto perpetuou o imaginário e esteve presente no cotidiano dos picoenses.

Oneide Rocha (2012) conta um fato curioso. Segundo ela o som ecoado pelo sino era diferenciado para anunciar a morte de uma pessoa do sexo masculino de uma do sexo feminino:

Desde pequena que eu ouvia tocar os sinos, o sino tocava para tudo, quando dava 6 horas da tarde, quando morria alguma pessoa também tocava o sino. Tinha um jeito de tocar para dizer que tinha morrido homem e um jeito de tocar para dizer que tinha falecido mulher. Eu me lembro que minha mãe dizia ah! Foi mulher, quem terá sido, e logo, logo sabia porque Picos era muito pequena. E tinha

um relógio também, este sempre marcou presença na história da cidade de Picos. (ROCHA, 2012)

Pelo relato de Oneide Rocha (2012), nota-se a pequena dimensão da cidade de Picos na época, isso porque praticamente todos se conheciam, e também o sino como meio de informação aos habitantes da área urbana do município.

Assim como o sino, o relógio da igreja assume um papel de informante já que as pessoas costumam basear as horas por ele, pois o objeto está localizado em uma das torres da Igreja, o que facilita a sua visualização, por conta da altura em que está situado.

Oneide Rocha (2012) lembra que o relógio era conhecido por Benedito, ela afirma não saber o motivo da denominação, mas que prestava relevante serviço à comunidade pela sua localização:

O relógio tem assim uma presença, como a torre era alta e Picos não tinha prédio, tudo era baixinho, de todos os lugares que estava, dava pra ver o relógio, que na época era redondo e mamãe quando o relógio batia (**O relógio batia refere-se ao badalar dos sinos, pois estes últimos estavam conectados com o relógio e em certas horas, 6 horas da manhã e meio dia, ele tocava**) ela dizia olha Benedito tá dizendo que é 9 horas, esse relógio foi batizado pelo nome de Benedito, já perguntei a algumas pessoas, mas elas não souberam me dizer o porque desta denominação. (ROCHA, 2012)

O tocar dos sinos possui uma simbologia para a Igreja Católica, todos os templos católicos têm estes objetos; também é comum a presença de relógios nas partes externas das paredes das igrejas. É interessante perceber que em Picos estes dois objetos assumiram não apenas papéis religiosos; uma vez que conseguiram se inserir na vida dos picosenses, aos informá-los sobre o tempo e representar significados para os mesmos.

2.11 Curiosidades: crença ou realidade?

Em eventos onde um grande número de pessoas está reunido geralmente surgem “estórias”, que desafiam dos mais crédulos aos incrédulos. E com a construção da Catedral não foi diferente.

Miriam Lélis (2011) conta que quando as obras da nova igreja estavam em fase de conclusão um dos pedreiros, conhecido como João Patiló, subiu em uma

das cruzes localizadas no topo da torre e ficou em pé sem nenhum equipamento de segurança. Como naquele tempo as atenções estavam voltadas para a edificação da igreja, um grande número de pessoas acompanhou este acontecimento, conforme ela relata:

Quando colocou a cruz na torre e acabou de chumbar. Ele (João Patiló) botou um pé do lado da cruz o outro pé do outro lado, equilibrou-se e subiu os braços, ficou solto. E o povo doido, doido, dizendo meu Deus aquele homem vai cair dali e ele nem, não teve nenhuma reação, ficou lá firme o tempo que quis. (LÉLIS, 2011)

Outro episódio, este lembrado por Conceição Lélis (2011), também merece destaque. Segundo ela um dos pedreiros caiu da altura do relógio e foi amparado por uma enorme camada de areia, o mesmo não sofreu nenhum ferimento e saiu andando normalmente, como se nada tivesse acontecido, naquilo que poderia ter sido um acidente fatal. Para os presentes o fato foi um milagre, conta-se que no momento em que o pedreiro desabava, o padre Madeira saía da residência, onde atualmente é a casa do bispo, e rogou o nome de Nossa Senhora dos Remédios, a Santa teria intercedido e livrado o homem da morte.

Outro fato que desperta a atenção, lembrado por Oneide Rocha (2012) é que a igreja não possuía banco neste período (1940-1960), desta forma as famílias que tinha um poder aquisitivo maior mandavam confeccionar a sua cadeira com um local que continha um travesseiro para apoiar os joelhos. Esta cadeira abria e fechava, e os seus donos colocavam o nome no objeto para demarcar a posse do objeto, já que ficavam dentro da igreja, as demais pessoas ficavam de pé. Segundo ela só tinha o direito de se sentar o dono. Nas ocasiões em que uma pessoa se sentava na cadeira de outra, quando o proprietário do objeto chegava o que estava sentado se levantava por vontade própria ou o dono pedia que ele se levantasse.

Oneide Rocha (2012) afirma que discordava daquela situação. “Eu não gostava não! achava muito feio. Eu sempre imaginava assim, era bom que tivesse muita cadeira para que todo mundo ficasse sentado”, (ROCHA, 2012).

Esta prática de colocar os nomes das famílias mais abastadas nos bancos foi comum na Igreja Católica. E por meio deste depoimento percebe-se que a própria igreja era um espaço de reprodução das desigualdades sociais, pois os que dispunham de mais recursos financeiros tinham condição de custear seus assentos, o que já os diferenciava dos demais.

2.12 Espaço de oração e ponto de encontro

Além de um local para a oração a Igreja também era um “espaço de sociabilidades” como aponta Oliveira (2011, p.36). Ela explica que frequentar a igreja representava para a juventude também uma oportunidade de diversão, pois após a missa se dirigiam a Praça Félix Pacheco, para conversar, paquerar e namorar.

Esta cultura do povo picoense de participar das missas e posteriormente sair para algum local de lazer, se enraizou e atualmente é algo comum e constante ver as pessoas em pizzarias, lanchonetes, churrascarias, sorveterias e outros estabelecimentos, depois de participarem da celebração eucarística.

Outro aspecto importante é a característica da igreja como local de encontro para pessoas que esperam o transporte para viajar com destinos a outras cidades e comunidades rurais. Do ponto de vista religioso, pode-se ressaltar a passagem cotidiana de muitos fiéis e devotos antes ou depois do trabalho, que entram na Igreja para fazer oração.



Figura 15 - Fiéis visitam diariamente a Igreja para orar.
Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Rodrigues Ibiapino.



Figura 16 - As pessoas visitam a catedral para pedir proteção.
Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Rodrigues Ibiapino.

O padre Gregório Leal Lustosa (2011), Pároco da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios que tem a Catedral como Matriz, observa que ao longo dos anos o templo se tornou atrativo pelo seu aspecto religioso, arquitetônico e cultural.

A Igreja Catedral é sempre bem visitada, as pessoas até reivindicam e lamentam nos momentos em que por necessidade ela é fechada, (que é no horário do almoço e também após a missa das 19 horas), pela vontade de muita gente até no horário do almoço ela permaneceria aberta, pois as pessoas gostam. Eu fico percebendo como as pessoas visitam o santíssimo, as imagens, sentam nos bancos da Igreja. A catedral, além de um local de aprofundamento da fé, se tornou um local também de terapia, até porque agente tenta coloca uma música leve durante o dia, e eu percebo que as pessoas sentam, relaxam e isso também é um momento de intercambio, quando uma pessoa vem de uma comunidade, chega antes entra aqui na Igreja, permanece até a chegada de outra pessoa. (LUSTOSA, 2011)

A Catedral consiste não apenas em um templo religioso, mas um espaço para diversos fins e atividades. Devido ao estilo arquitetônico neo-gótico, a igreja também se destaca pelo seu potencial turístico, pois por duas vezes foi eleita por meio de votação popular pela internet a 2ª Maravilha do Estado.

2.13 Um lugar de memória

Pierre Nora (1981) afirma que existem locais que são como museus, preservam a história e estão carregados e repletos de significados, o autor define estes espaços como lugares de memória.

Os lugares de memória pertencem a dois domínios, que a tornam interessante, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos a mais abstrata elaboração[...] São lugares, com efeito nos três conteúdos da palavra, material simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre. É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou.(NORA, 1981, p. 21-22)

Partindo desta afirmação podemos dizer que a Catedral Nossa Senhora dos Remédios é um lugar de memória, pois a própria estrutura do templo possui características que denotam isso.

O padre Francisco Bezerra Neto (2011), Pároco da Igreja até o ano de 2008, reforça esta tese, ao declarar que picoenses relembram o passado ao observar a Catedral de Picos:

O sentimento que vejo quando olho a Catedral é satisfação, os picoenses se enchem de orgulho primeiro porque olhando para a catedral, para a beleza que ela tem, vai recordar os seus antepassados vai recordar a história, vai atualizar todo um passado que faz parte da vida religiosa do povo, o reconhecimento e cuidado do povo, a alegria, a fé e o amor (BEZERRA NETO, 2011)

A Catedral de Nossa Senhora dos Remédios é uma guardiã da memória da cidade e do povo picoense, já que ao visualizar o templo, as pessoas que ajudaram a construí-lo, ou descendentes destes, recordam seus antepassados e relembram todo um passado religioso de fé e envolvimento no trabalho de edificação da igreja.

Outro ponto que constitui um local de memória na igreja são os vitrais dispostos nas naves laterais e na nave central, em cada um deles estão registrados os nomes dos doadores. Conforme Mirian Lélis (2011) o padre Madeira convenceu cada família que tinha uma boa condição financeira a doar um vitral, como recompensa, os seus nomes foram registrados nos mesmos, para as próximas gerações poderem ver a contribuição dos antecedentes na construção do grande templo. Outros vitrais foram doados por comunidades:

Aqueles vitrais, o padre Madeira inventou que cada família que tivesse condição financeira, oferecer um. Ele pedia que viesse da Itália e quando chegava, a família pagava. Registrava ali para saber no futuro o nome da família. Quando uma só família não podia juntava e fazia aqueles trabalhos para poder comprar as coisas. Quem podia mais ajuda mais, quem podia menos ajudava menos. (LÉLIS, 2011)

Conforme o relato de Miriam Lélis (2011) esta foi uma forma encontrada pelo padre Madeira, para reconhecer e agradecer a contribuição dos colaboradores. O Padre Francisco Bezerra Neto comenta que “a história dos vitrais retrata a doação das famílias”, uma vez que representa o esforço para adquirir os objetos que vieram da Itália. (BEZERRA NETO, 2011).



Figura 17 - Nos dois vitrais é possível identificar o nome dos doadores destes objetos.
Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Rodrigues Ibiapino.

Neste contexto, faz-se necessário elencar que o próprio desenho dos vitrais são carregados de significados, pois ao observar as imagens dispostas em cada um percebe-se que são passagens da vida de Jesus Cristo. Sendo assim, denota-se que os vitrais tinham também como função fazer com que os fiéis, principalmente os analfabetos, assimilassem os ensinamentos de Cristo por meio da visualização.

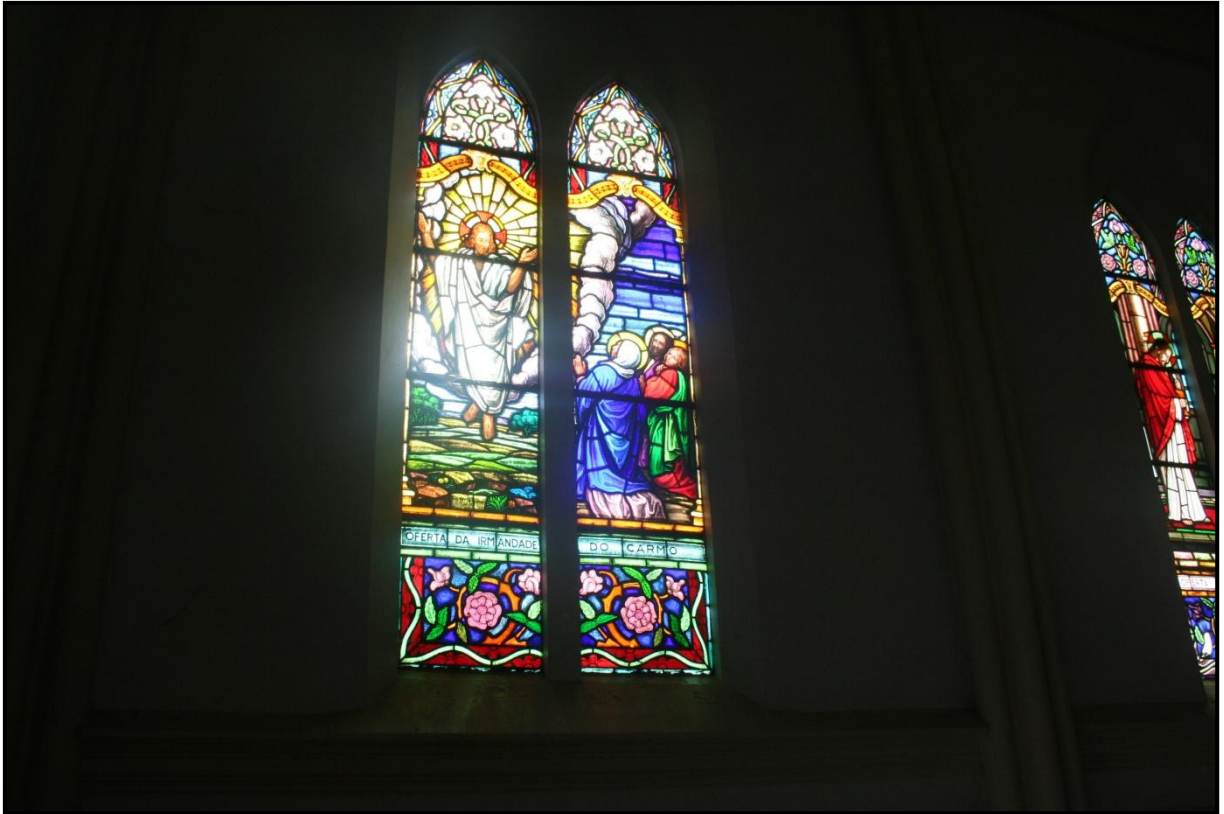


Figura 18 - As imagens dos dois vitrais retratam cenas da vida de Jesus Cristo
Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Rodrigues Ibiapino.

A estrutura física da Igreja, as torres, o piso, os altares, o sacrário, os bancos, as portas, a imagem de Nossa Senhora dos Remédios, os sinos, o relógio constituem também objetos guardiães da memória, pois eles estão cheios de significados, constatados através dos depoimentos das fontes já citados neste trabalho.



Figura 19 – Visão geral da Catedral de Picos.
Fonte: www.jornalista292.com.br. Último acesso em 28 de outubro de 2012.



Figura 20 – Foto da frente da Igreja Catedral Nossa Senhora dos Remédios
Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Rodrigues Ibiapino.

CAPÍTULO III

JOSÉ IGNÁCIO DE JESUS MADEIRA: A HISTÓRIA DO MADEIRA PADRE E HOMEM.

3. 1 Infância, adolescência e ordenação sacerdotal

Nascido em 01 de janeiro de 1910, José Ignácio de Jesus Madeira é natural de Turiaçu (zona rural), na época município de Oeiras e hoje pertencente à cidade de Cajazeiras - PI. Filho de descendentes portugueses, o pequeno José Ignácio foi incentivado por sua mãe Sofia, que tinha irmãos padres, a seguir a vida religiosa.

A batalha começa ainda quando criança, órfão de pai aos 5 anos de idade, o menino estuda os primeiros anos de escola na cidade de Amarante – PI, passados dez anos, continua a estudar na Bahia, e em seguida em Teresina-PI, sempre em regime de internato. Durante os anos de seminário, José Ignácio fez muitas amizades e compartilhou conhecimentos religiosos.

Com dificuldades ao longo da caminhada, aos 24 anos de idade, realiza o sonho da sua mãe e é ordenado padre. Atuou em paróquias como Paulistana-PI, Jacobina-PI, Jaicós-PI, Simplício Mendes - PI e Picos-PI.



Figura 21 - Família do Padre Madeira. José Ignácio de Jesus Madeira aparece na foto ainda criança ao lado de seu pai, sentado ao centro e sua mãe que apoia a mão sobre o ombro do futuro sacerdote. Fonte: Arquivo pessoal da família do Padre Madeira.

3.2 A chegada a Picos e a conquista da confiança dos picoenses

Padre José Ignácio de Jesus Madeira foi enviado para Picos em fevereiro do ano de 1948 por requisição do então pároco Davi Ângelo Leal, alegando precisar de um assistente para auxiliar nos trabalhos da igreja, os quais não estava conseguindo cumprir sozinho. Assim começava a trajetória do padre José Ignácio de Jesus Madeira no Município de Picos, carinhosamente chamado pela comunidade picoense de padre Madeira.

Descrito pelos depoentes como uma pessoa carismática, dinâmica, determinada e lutadora, o padre Madeira convenceu os populares a demolir o antigo templo e a construir uma nova igreja no mesmo local. Apesar de outros lugares alternativos com espaço para edificação do santuário, houve inicialmente reação por parte dos fiéis, mas posteriormente foi aprovada a opinião do padre de demolir a igreja quase centenária para a construção do novo templo.

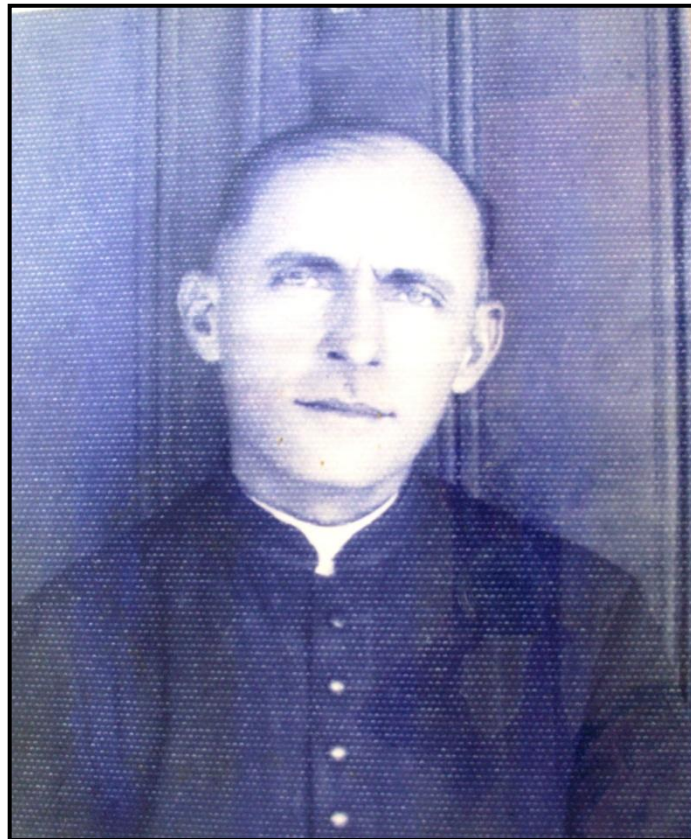


Figura 22 - Padre José Ignácio de Jesus Madeira, foto do período em que era pároco de Picos. Fonte: Arquivo da catedral de Picos.

De acordo com o agricultor Francisco Antônio Rodrigues (2011), o perfil do padre contribuiu para que sua idéia fosse aceita pelos picoenses:

A diferença entre o padre Madeira e o padre David é que o padre David era mais rígido e queria as coisas mais em dia e mais pontual, o padre Madeira era mais calmo e amenizava mais as coisas, por isso o povo se apegou muito a ele. Ele apenas ensinava, mas não era muito rígido nas coisas, ele sempre amenizava. (RODRIGUES, 2011)

Francisco Antônio Rodrigues (2011) lembra que o padre Madeira visitava a casa de pessoas ricas e pobres para fazer confissões. Demonstrando muita simplicidade para chegar às casas mais distantes, o padre ia montado a cavalo ou em jumento. Devido a isso, ele conseguiu conquistar as pessoas tornando-se um missionário. Assim o que o padre pedia, as pessoas faziam, garantem as fontes.

Quando o padre Madeira chegou a Picos, fazia questão que nenhum fiel viesse a falecer sem receber os sacramentos da confissão, unção e comunhão.

A princípio seu sermão era de costas, um antigo rito romano, onde o padre se posta na mesma direção do povo, em olhando para a imagem do crucifixo, e celebrando a missa em latim. Com batina toda preta de mangas compridas e bem cobertas até o pescoço, o padre celebrava na cidade e no interior, usava também um chapéu escuro da mesma cor da roupa.

3.3 Entre resistências e anseios: a idéia de construir uma nova Igreja

Com o desenvolvimento da cidade e o aumento dos fiéis, o padre Madeira sentiu a necessidade de ampliar a igreja. E com um novo projeto, já que não encontrou a planta antiga, convenceu a população em construir um novo templo no mesmo local da velha igreja, um templo que acolhesse a todos os fiéis.

A população de Picos foi mobilizada por um longo período para a construção que durou 20 anos. Engajados nessa grande empreitada, populares ajudavam como podiam; muitos católicos trabalhavam uma semana e cobravam um ou dois dias de serviço para poder sustentar a família. Pessoas de todas as idades, de todas as classes sociais, aderiram ao projeto e o trabalho foi feito totalmente em mutirão.

A construção começou na parte de trás. No período de construção o padre Madeira, que liderou todo o trabalho, já dizia, de acordo com Miriam Lélis (2011),

que seria a futura Catedral de Picos. Mobilizando os fiéis, a igreja foi construída em mutirão, foram adquiridos muitos bens, muitos imóveis e com a sobra dos materiais, foi levantada a casa paroquial que seria, no futuro, uma residência episcopal, como de fato é.

O padre Madeira viajou a Petrolina e fez um esboço da igreja de lá, e foi fazendo modificações de acordo com sua criatividade.

O padre Francisco Bezerra Neto, pároco da Catedral por 24 anos, explica que o padre Madeira, era muito inteligente e pacato, soube conquistar o povo e enfrentou a construção da nova Igreja. E já que não tinha verba, foi o povo quem a construiu. “Eu escutava do padre Davi, com qual tive o prazer de conviver, que o padre Madeira era uma pessoa muito santa, um homem muito reto no sentido do cumprimento de suas ações como sacerdote. Muito dedicado às confissões, aos doentes e à pastoral conforme o seu tempo.” (BEZERRA NETO, 2011).

Mirian Lélis (2011) lembra que depois da igreja erguida, ele conseguiu uma fazenda para Nossa Senhora dos Remédios, com 100 cabeças de gado, todas doadas. Mas com o passar dos anos, outros padres chegaram a Picos e não deram continuidade ao projeto.

3.4 O Madeira pai

Depois da construção da igreja, o padre Madeira já estava cansado e muito estressado, destaca Rosimar Albano (2011). A respeito dos motivos para que o padre tivesse deixado o celibato, existem versões diferentes, mas que as fontes preferiram não citar, optando por não apresentar informações sobre o fato. É neste momento que identifica-se uma das características da memória, o silenciamento. Os depoentes preferem não lembrar ou esquecer propositadamente este episódio que consideram irrelevantes ou que os incomoda, elegendo-o como não interessante para o grupo.

O fator mais provável, pelo que se pode apurar, para que o padre tenha deixado o sacerdócio foi o possível envolvimento com uma mulher, que posteriormente se tornou sua primeira esposa. Então o que se sabe, é que ele deixou o sacerdócio, conseguindo a dispensa da ordem e casou-se na igreja aos 67 anos com Isaura Feitosa de Carvalho, sua primeira mulher, com ela teve três filhas:

Maria José Nunes Madeira, Sofia de Carvalho Madeira e Isácia de Carvalho Madeira.

As três filhas foram criadas em Picos, até que no ano de 1981, a senhora Isaura Feitosa adoeceu e foi transferida para a capital Teresina, chegando a óbito. Nesse período, as filhas do casal estudavam no Instituto Monsenhor Hipólito.

Depois da morte da matriarca da família, José Ignácio de Jesus Madeira, passou a viver em Floriano, passado um ano, ele resolveu dar os filhos para que sua família pudesse colocá-los para estudar. A filha mais velha, Maria José, ficou em Oeiras - PI, Sofia, a do meio, ficou em Teresina e a caçula foi morar em Brasília. O padre Madeira ficava do interior onde nasceu, para Floriano, onde morava uma irmã chamada Cristina.

José Ignácio de Jesus Madeira casou-se novamente aos 74 anos, com Maria do Socorro da Silva Carvalho, com apenas 20 anos de idade. O casamento foi arranjado, como o padre Madeira, já estava com a idade avançada, procurava alguém que pudesse cuidar dele. Os pais de Maria do Socorro indicaram-na e dado a palavra, foi feito o casamento em 19 de setembro de 1984, em Turiaçu. Da segunda união matrimonial teve ainda três filhos, José Inácio de Jesus Madeira Filho, Cristina Maria de Carvalho Madeira e Francisco das Chagas Carvalho Madeira (*in memorian*).



Figura 23 - José Ignácio e Maria do Socorro, esposa do segundo casamento.
Fonte: Arquivo pessoal da família do Padre Madeira.



Figura 24 - A família do segundo casamento do Padre Madeira, da esquerda para a direita: Cristina (filha), Maria do Socorro, José Inácio (filho), Maria José (filha do primeiro casamento) e um genro.

Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Rodrigues Ibiapino.

Morando no interior onde nasceu, acompanhado da segunda esposa e dois filhos, o padre Madeira resolveu mudar-se para Oeiras para colocar as crianças na escola.

Passando-se alguns anos, morando em outra cidade, na região de Oeiras e vivendo como agricultor, o padre Madeira, mesmo depois de constituir uma família, passou por dificuldades. O povo picoense soube das necessidades que ele passava e foi buscá-lo, trazendo-o de volta a Picos, dando a ele uma casa, na Rua São Sebastião, depois o ajudaram a construir sua própria casa.

Ele voltou a viver em Picos por alguns anos. O padre lecionava no município, na Unidade Escolar Marcos Parente e na Unidade Escolar Desembargador Vidal de Freiras, como professor de Ensino Religioso e de Educação Moral e Cívica. O povo ainda o chamava de padre Madeira.

Depois de um tempo morando em Oeiras, José Ignácio de Jesus Madeira sofreu um derrame parcial e foi hospitalizado, passou 2 anos e 7 meses debilitado, e em 08 de maio de 1997 veio a óbito. Maria do Socorro Carvalho (2011) lembra com do período em que esteve casada com o padre. “Passei 13 anos casada com José Ignácio, pra mim “foi” 13 dias. Moramos um tempo no interior, outro tempo em Oeiras. Quando ele adoeceu eu cuidava dele, dava banho. Ele recebia sempre muitas visitas, principalmente de Picos, o padre Davi vinha muito visitá-lo”, (CARVALHO, 2011).

Para Maria José Nunes Madeira (2011), seu pai vai ser sempre um exemplo, porque ele ensinava o bem, fazia muita caridade e ajudava os necessitados. “Papai saía de Oeiras com o carro cheio de abóboras indo para Picos, antes de chegar lá, já num tinha mais nada em cima do carro, ele dava tudo por onde passava, eu sinto muito orgulho do meu pai, ele continuou presente na igreja”, (MADEIRA, 2011).

O acompanhamento do Padre a igreja continuou por onde ele morava, José Inácio de Jesus Madeira Filho, declara que o contato com seu pai foi pouco, mas lembra muito bem que ele ensinava a ser feliz com o que tinha, que por mais que vivessem uma vida simples e humilde, deveria agradecer a Deus e ser feliz acima de tudo. “Ele gostava da natureza, tinha uma imagem se São Francisco na nossa casa, me acordava de madrugada pra explicar os fenômenos da natureza”, lembra José Inácio de Jesus Madeira Filho (2011).

A filha mais nova, Cristina, disse que toda noite seu pai os ensinava a rezar. Segundo ela, como era a filha mais nova, era dengosa e seu pai tinha muita paciência. Quando não queriam rezar, ganhavam doces e bombons para comer na manhã seguinte, disse ela.

3.5 Uma vez padre, para sempre padre!

Religiosos explicam que quando se recebe um sacramento ele é para sempre. Sendo assim, José Ignácio de Jesus Madeira recebeu a ordenação e o sacramento da ordem, eles permanecem até os últimos dias de vida. Quando o padre deixa de exercer o Ministério, por alguma atitude errônea ou comportamento não viável, então a igreja pune e o impede de exercer o Ministério e não de ser padre.

3.6 O reconhecimento do povo picoense

Após a morte do padre Madeira, o povo de Picos manifestou o reconhecimento pelo que ele pregou e pela construção da Catedral Nossa Senhora dos Remédios. Naquela época, com tanta dificuldade, tanta pobreza, e ainda assim o templo foi erguido. O carinho e respeito conquistado pelo padre entre os picoenses é reafirmado na fala de Francisco Antônio Rodrigues:

Se você chegasse a um local e falasse mal do padre Madeira, as pessoas lhe jogavam pedra, ele foi um ícone. Só aqui em casa papai doou um boi e duas garrotas, toda vez que acontecia um leilão tinha uma coisa para dar. Mas toda vida tinha que dar uma coisa e a gente dava satisfeito. (RODRIGUES, 2011)

Mesmo deixando o sacerdócio, o padre Madeira continuou com a religiosidade. Ele preservava a fé e gostava de pregar por onde passava. Inclusive quando voltou a Picos, coordenou trabalhos na Congregação das Filhas do Coração Imaculado de Maria. Continuava indo as missas e levando as filhas.

Conforme Maria José Nunes Madeira (2011), a primeira filha do Padre Madeira, seu pai, apesar da felicidade por ter coordenado a edificação da Igreja, era muito humilde e não acreditava que pudesse ser sepultado no interior do templo:

Meu pai falava muito feliz da igreja, ele ficava orgulhoso. Uma vez eu disse pra ele: papai, já pensou se no dia que o senhor morrer, colocassem o senhor aqui na Catedral? Eu falava assim pra ele, por causa da idade já avançada. Mas ele dizia: não minha filha, quem sou eu? Tem outros aí que fizeram outras coisas na igreja, que são bispos e tal...(MADEIRA, 2011)

Rosimar Albano (2011) diz que:

A voz do Padre Madeira todo mundo escutava, todo mundo acolhia, então ele foi um herói. Esse sofrimento que ele passou, tanta provação, tanto desprezo serviu até para santificação dele, porque hoje para muita gente Padre Madeira é um santo. O sofrimento foi a maneira de conquistar a santidade dele. (ALBANO, 2011)

Sabendo imediatamente da morte do padre Madeira, O Padre João de Deus, pároco de Oeiras entra em contato com pessoas de Picos, que mandaram buscar o corpo do Padre para ser velado na Catedral. O homem dedicado, nunca foi julgado pela forma como saiu da igreja.

A obra que o religioso coordenou serviu posteriormente para sua morada eterna. O padre Madeira foi velado na catedral e sepultado onde hoje está localizada a sala do dízimo no interior da igreja, como uma maneira de agradecimento do povo picoenses pelos serviços prestados a comunidade, em especial a coordenação da edificação do templo de Nossa Senhora dos Remédios.

Em demonstração ao respeito e carinho do povo picoense, o padre José Ignácio de Jesus Madeira recebeu em sua homenagem o nome de uma rua e de uma escola no centro da cidade de Picos.



Figura 25 - Folheto produzido em homenagem ao padre Madeira, após a sua morte.
Fonte: Arquivo da família do Padre Madeira.

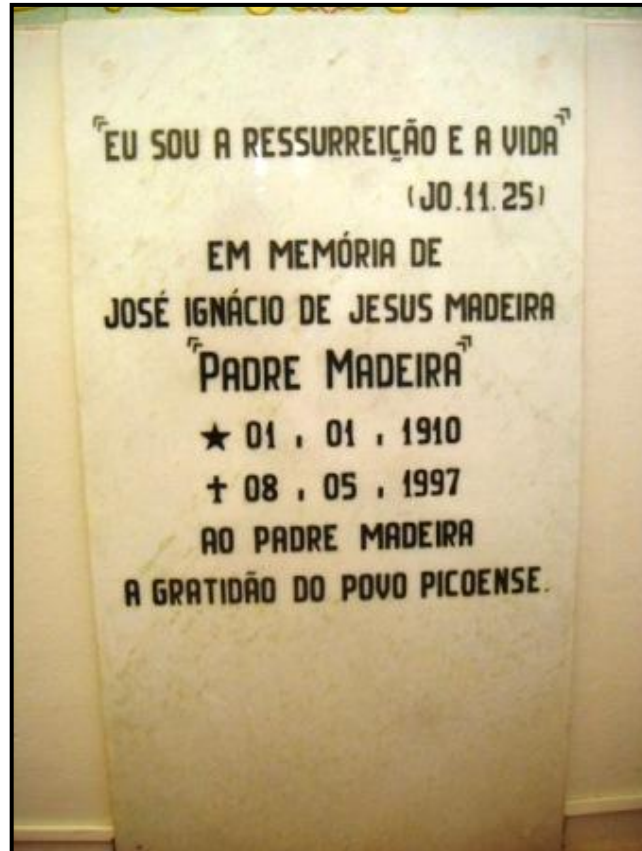


Figura 26 - Lápide que colocada acima da sepultura do Padre José Ignácio de Jesus Madeira, que está sepultado dentro da Catedral de Picos (onde atualmente funciona a sala do Dízimo).

Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Rodrigues Ibiapino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade de Picos ainda é carente de obras e fontes que registrem a sua história, com isso, este trabalho centrou-se em expor diversas memórias sobre a construção da Catedral Nossa Senhora dos Remédios, considerando o episódio um importante marco para o município, principalmente pela forma como foi edificado, tendo como referência relatos dos populares. Outro fator que despertou a atenção é que a Igreja é o ponto turístico de maior destaque da cidade de Picos e foi eleita duas vezes uma das maravilhas do Estado do Piauí.

Ao concluir este trabalho, percebe-se que o povo picoense possui um orgulho pela dimensão e beleza do templo, e também pela própria história de construção do mesmo, que reuniu grande parte da população do, na época, pequeno município do sertão piauiense, mas que não poupou esforços para erguer uma enorme Igreja, independente das condições de que dispunha na época em que foi edificada e a maneira pela qual foi feita.

Ao entrevistar as fontes, também foi possível notar que a Igreja é uma guardiã da memória do povo picoense, pois quando as pessoas se referem a ela se lembram de fatos ocorridos no passado, das maneiras de contribuição para edificar o templo, das formas de organização, das relações estabelecidas durante aquele período. Algumas até relembram com saudade a sua época de criança. Cada traço está associado aos seus doadores – os vitrais que tem nomes registrados, as portas, os altares, o santíssimo, até mesmos os pequenos tijolos que compõem esta Catedral.

Por meio da utilização da oralidade como fontes de informações, durante a realização das entrevistas constatou-se algumas das características da memória apresentadas por Delgado (2006), dentre elas o silenciamento e o heroísmo. Desta maneira, concluiu-se que o processo de rememoração implica em um esforço por parte da fonte, e a cada vez que lembra um fato pode apresentar informações novas e esquecer as já citadas em outras oportunidades, assim compreende-se que a memória é dinâmica e se modifica com o passar do tempo.

Pretendo, com o presente estudo, enriquecer o acervo historiográfico sobre existente sobre a temática, almejando que sirva de fonte para posteriores estudos referente a temas como: catolicismo; religiosidade e cotidiano picoense nas décadas de 1940, 1950 e 1960.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem. **O que é religião**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos).

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DUARTE, Renato. **Picos**: os verdes anos cinquenta. 2. ed. rev. ampl. Recife: Gráfica Ed. Nordeste, 1995.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral**: possibilidades e procedimentos. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Último acesso em 31/10/2012.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão. 5.ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003.

MANOEL, Ivan Aparecido. História, religião e religiosidade In: **Revista Brasileira de História das Religiões**, São Paulo, ano I, no. 1 – Dossiê Identidades Religiosas e História. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/03%20Ivan%20Ap.%20Manoel.pdf>> . Último acesso em 02/08/2011.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: EDUC, 1993.

OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. **A Geografia dos desejos**: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960. Monografia. Universidade Federal do Piauí, Picos: 2011.

PERALTA, Elsa. Abordagens Teóricas ao Estudo da Memória Social: Uma Resenha Crítica. In: **Revista Arquivos da Memória**. Nº 2, 2007. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/revistas/arquivos-da-memoria/ArtPDF/02_Elsa_Peralta%5B1%5D.pdf> Último Acesso em: 31/10/2012

RIBEIRO, Lídice Meyer Pinto. **A Igreja: espaço sagrado reorganizador do mundo.** 2006. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/ceru/n17/11.pdf>>. Último acesso em 10/01/ 2012.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade.** 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SOUSA, Jane Bezerra de. **Picos e a consolidação de sua rede escolar:** do Grupo Escolar ao Ginásio Estadual. 2005. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2005, p. 28.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** historia oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ORAIS

ALBANO, Rosimar. Entrevista concedida a Francisco Rodrigues Ibiapino. Picos, 2011.

BARROS, Remédios. Entrevista concedida a Francisco Rodrigues Ibiapino. Picos, 2011.

BEZERRA NETO, Francisco. Entrevista concedida a Francisco Rodrigues Ibiapino. Picos, 2011.

CARVALHO, Maria do Socorro Silva. Entrevista concedida a Francisco Rodrigues Ibiapino. Picos, 2011.

LÉLIS, Miriam. Entrevista concedida a Francisco Rodrigues Ibiapino. Picos, 2011.

LÉLIS, Conceição. Entrevista concedida a Francisco Rodrigues Ibiapino. Picos, 2011.

LUSTOSA, Gregório Leal. Entrevista concedida a Francisco Rodrigues Ibiapino. Picos, 2011.

MADEIRA FILHO, José Inácio de Jesus. Entrevista concedida a Francisco Rodrigues Ibiapino. Picos, 2011.

MADEIRA, Maria José Nunes. Entrevista concedida a Francisco Rodrigues Ibiapino. Picos, 2011.

MADEIRA, Cristina Maria de Carvalho. Entrevista concedida a Francisco Rodrigues Ibiapino. Picos, 2011.

MOURA, José Albano de. Entrevista concedida a Francisco Rodrigues Ibiapino. Picos, 2011.

ROCHA, Maria Oneide Fialho. Entrevista concedida a Francisco Rodrigues Ibiapino. Picos, 2012.

RODRIGUES, Francisco Antônio. Entrevista concedida a Francisco Rodrigues Ibiapino. Picos 2011.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS



FRANCISCO RODRIGUES IBIAPINO

TÁ VENDENDO AQUELE EDIFÍCIO MOÇO? AJUDEI A LEVANTAR!
Memórias da Edificação da Catedral Nossa Senhora dos Remédios

Picos – PI
2012